



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN



AS EXPOSIÇÕES DE 2008

A CRISE GLOBAL DO AMBIENTE POR TIMOTHY O'RIORDAN
NA FRONTEIRA DA CIÊNCIA COM TIAGO FLEMING OUTEIRO

ÍNDICE

ACTUALIDADE

PRÉMIOS GULBENKIAN 2008	2
NA FRONTEIRA DA CIÊNCIA	
VACAS LOUCAS, LEVEDURAS NEURÓTICAS E REGRESSO AO FUTURO	4
ABAIXO DO PARALELO 60	7
SOBREVIVÊNCIA GLOBAL	
ENTREVISTA COM TIMOTHY O'RIORDAN	8
UM INCENTIVO À INVESTIGAÇÃO NA CIÊNCIA	10
O ESTADO DO MUNDO EM PARIS	11
PRODUÇÕES GULBENKIAN	
EM FESTIVAIS DE CINEMA INTERNACIONAIS	11
MOSTRA DE DOCUMENTÁRIOS E OUTRAS ARTES EM LISBOA.....	12
NOVOS DISCOS DO CORO GULBENKIAN	12

DESTAQUE

AS EXPOSIÇÕES DE 2008.....	13
----------------------------	----

BREVES

PELA AUTO-REGULAÇÃO NAS FUNDAÇÕES EUROPEIAS.....	17
FUNDAÇÃO GULBENKIAN NO YOUTUBE.....	17
KING'S COLLEGE DISTINGUE MIKHAEL ESSAYAN.....	18
NOVO CENTRO DE ESTUDOS PORTUGUESES EM COCHIM.....	18

LIVROS

HISTÓRIAS DE LIVROS PARA A HISTÓRIA DO LIVRO	19
MEDICINA E CRIAÇÃO ARTÍSTICA.....	19

UM ROSTO DA BIOMEDICINA

MARIANA CANAS SIMÕES.....	20
---------------------------	----

UM ROSTO DA ESCULTURA

GONÇALO BARREIROS.....	21
------------------------	----

UMA OBRA DO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

FRAGMENTO DE SEDA.....	22
------------------------	----

UMA OBRA DA BIBLIOTECA DE ARTE

ESPÓLIO RAUL LINO.....	23
------------------------	----

UMA OBRA DO CAMJAP

PEDRO GOMES, MONTANHA #18, 2002.....	24
--------------------------------------	----

AGENDA	25
--------------	----

NEWSLETTER Nº 90. FEVEREIRO. 2008

ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação da Fundação Calouste Gulbenkian

Av. de Berna, 45 A - 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00, fax 21 782 30 27
info@gulbenkian.pt, www.gulbenkian.pt

REVISÃO DE TEXTO Rita Veiga [dito e certo]

DESIGN José Teófilo Duarte | Eva Monteiro | Tânia Reis [DDLX]

IMPRESSÃO Euroscanner

TIRAGEM 10 000 exemplares

NA CAPA Louis Jean-François Lagrenée, o Velho (1725-1805), Psique surpreende Cupido

adormecido, Paris, 1768, Paris, Museu do Louvre | Foto RMN / © Jean-Gilles Berizzi

ACTUALIDADE

PRÉMIOS GULBENKIAN 2008

CANDIDATURAS ATÉ 15 DE MARÇO

Pelo segundo ano consecutivo, a Fundação Gulbenkian vai distinguir com 50 mil euros acções inovadoras e com real impacto nas suas áreas de actuação, a nível nacional: **Arte, Beneficência, Ciência** (Ciências Sociais e Humanas) e **Educação**. Em 2008, o **Prémio Internacional Calouste Gulbenkian**, no valor de 100 mil euros, aposta na defesa do ambiente e biodiversidade. Estes galardões, instituídos por ocasião do 50º Aniversário da Fundação, vêm reafirmar a fidelidade ao desígnio do Fundador.

A decisão da atribuição é da responsabilidade do Conselho de Administração da Fundação, com base numa proposta de um júri independente constituído para o efeito e composto por personalidades de reconhecido mérito, nacionais e estrangeiras.

As candidaturas abriram no dia 2 de Janeiro e **decorrem até 15 de Março**. O regulamento dos prémios e o formulário de candidatura podem ser obtidos através do site www.gulbenkian.pt. As candidaturas podem ser enviadas através da internet ou para Secretaria do Conselho, Fundação Calouste Gulbenkian, Av. de Berna, 45, 1067-001 Lisboa. ■



João Manuel Costa Alves



PRÉMIO INTERNACIONAL CALOUSTE GULBENKIAN

Presidente do Júri: Jorge Sampaio
Jacqueline McGlade
Sir Robert May
Hans Joachim Schellnhuber
Viriato Soromenho-Marques



PRÉMIO GULBENKIAN Ciência

Presidente do Júri: Fernando Lopes da Silva
Alexandre Quintanilha
Manuel L. Nunes da Ponte
Augusto Barroso
Luís Magalhães
João Ferreira de Almeida
Jorge Gaspar
Jaime Reis
Luís Cabral



PRÉMIO GULBENKIAN Arte

Presidente do Júri: João Marques Pinto
João Bénard da Costa
Jorge Calado
José Gil
Raquel Henriques da Silva



PRÉMIO GULBENKIAN Beneficência

Presidente do Júri: António Barreto
Alexandre Castro Caldas
Cristina Louro
Daniel Sampaio
D. Manuel Clemente



PRÉMIO GULBENKIAN Educação

Presidente do Júri: Maria Helena da Rocha Pereira
Guilherme d'Oliveira Martins
João Filipe Queiró
Lídia Jorge
Vítor Aguiar e Silva

NA FRONTEIRA DA CIÊNCIA VACAS LOUCAS, LEVEDURAS NEURÓTICAS E REGRESSO AO FUTURO

O neurocientista Tiago Fleming Outeiro é o próximo convidado do ciclo de conferências Na Fronteira da Ciência, numa comunicação agendada para o dia 20 de Fevereiro, na Fundação Calouste Gulbenkian. Actualmente, está à frente da Unidade de Neurociência Celular e Molecular no Instituto de Medicina Molecular (IMM), onde o seu grupo se dedica ao estudo da base molecular por detrás de doenças neurodegenerativas, com o objectivo de desenvolver novas terapêuticas. Nesta entrevista, Tiago Fleming Outeiro antecipa alguns dos temas que vão ser abordados no dia 20.

COMEÇANDO PELO TÍTULO DA CONFERÊNCIA, GOSTARÍAMOS DE PERCEBER PORQUE ESCOLHEU “VACAS LOUCAS, LEVEDURAS NEURÓTICAS E REGRESSO AO FUTURO”?

Tentei brincar um bocadinho com o título, fazer uma coisa mais divertida. No fundo, a ideia é falar sobre doenças que afectam o cérebro e tentar explicar, de uma forma simples, o que acontece no cérebro para que essas doenças surjam. E, para isso, nós utilizamos diferentes organismos-modelo: animais ou células que podemos modificar no laboratório, de forma a fazer com que se assemelhem mais àquilo que são as doenças humanas. Nesse sentido, escolhi “vacas loucas” porque é uma das doenças de que irei falar, a doença das vacas loucas e as doenças humanas que são semelhantes a essa. Depois, a segunda parte do título, “leveduras neuróticas”, porque precisamente, como eu dizia, um dos organismos-modelo que utilizamos são as leveduras. Introduzimos nas leveduras alguns dos genes humanos que estão associados a estas doenças neurodegenerativas e, surpreendentemente, tivemos algumas leveduras a mostrarem-nos muitos aspectos importantes daquilo que se passa numa célula humana, no cérebro de uma pessoa. E, como podemos brincar um bocadinho com as palavras, podemos chamá-lhes “leveduras neuróticas”. “Retorno ao futuro” porque também irei tentar dar uma perspectiva de como podemos usar a Biotecnologia, nos dias de hoje, para aproveitar aquilo que a Biologia nos dá para criar novos materiais, para criar novas tecnologias – agora fala-se muito das nanotecnologias

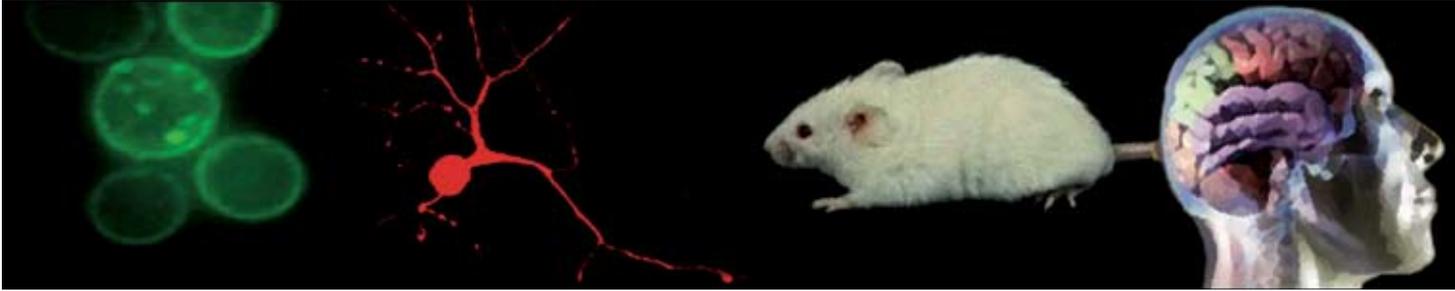
– e, daí, que isto seja uma perspectiva um bocadinho futurista daquilo que a Biotecnologia também nos pode dar. No fundo, está tudo relacionado porque o nosso interesse, do meu grupo de investigação, é perceber como é que funcionam estas proteínas que têm estas propriedades todas; por um lado, causam doenças e, por outro lado, podem dar-nos informação sobre como tratar doenças. Mas também podem ser utilizadas para fazer novos materiais e desenvolver novas tecnologias.

POR FALAR EM “REGRESSO AO FUTURO” E DE DOENÇAS NEURODEGENERATIVAS, LEMBRÁMO-NOS DO FILME DO ROBERT ZEMECKIS QUE TEM COMO PROTAGONISTA MICHAEL J. FOX, UMA PESSOA QUE SOFRE DE PARKINSON. IMAGINAMOS QUE PODERIA HAVER ALGUMA RELAÇÃO...

Sim, a doença de Parkinson é uma das doenças que nós estudamos mais. Estudamos outras, mas a de Parkinson está no centro dos nossos estudos.

ESTAMOS HOJE MAIS PERTO DE DESCOBRIR A CURA PARA ESTAS DOENÇAS, MAIS PERTO DO QUE ALGUMA VEZ ESTIVEMOS? FALA-SE MUITO DE PARKINSON E DE ALZHEIMER, SOBRETUDO DEPOIS DE ALGUMAS FIGURAS PÚBLICAS TEREM REVELADO SOFRER DA DOENÇA. COMO É QUE A INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA IRÁ EVOLUIR OU AVANÇAR?

De facto fala-se muito dessas doenças porque, por um lado, há um maior número de pessoas afectadas, devido ao envelhecimento da população, por outro lado, temos inúmeras figuras públicas, principalmente lá fora – cá dentro menos, não se dão a conhecer, o que eu acho pena... Lá fora temos vários exemplos: o ex-Presidente americano Ronald Reagan, Michael J. Fox, o Papa João Paulo II, Pascual Maragall, o antigo presidente da Câmara de Barcelona. Portanto, começa-se a falar sem receio, faz parte das nossas vidas. A partir de determinada idade, sabemos que podemos ser candidatos a desenvolver estas doenças. São problemas complexos que afectam a sociedade a muitos níveis, que têm enorme impacto a nível económico e social, e importa que sejamos capazes de identificar novas formas de intervir. Como é que isto vai evoluir? Já temos algumas fórmulas que poderão



ajudar a solucionar o problema. Convém referir que não há cura para nenhuma destas doenças, apesar dos tratamentos que existem. Por exemplo, a doença de Parkinson foi descrita pela primeira vez em 1917... Existe um tratamento, que é o que funciona melhor hoje em dia, que foi desenvolvido na década de 60. E continua a ser o melhor tratamento que temos, apesar de tratar apenas os sintomas e não a origem ou a progressão da doença. Na doença de Alzheimer há alguns tratamentos, mas nem sequer funcionam tão bem como na doença de Parkinson. Não há medicamentos que funcionem ao mesmo nível, se quisermos comparar. Mas há algumas coisas que não existiam antes e que agora podemos oferecer. Há outras coisas que estão a ser testadas em laboratório e que esperamos ver dar frutos dentro de alguns anos. Mas nunca podemos falar a curto prazo porque estaríamos a criar expectativas nas pessoas, e isso não é correcto. Mas há uma evolução acentuada se olharmos para trás. Relativamente à doença de Parkinson, apesar de ter sido descrita em 1917, só em 1997 é que foi associado o primeiro gene à doença. Depois conhecemos outros seis genes, o que equivale a dizer que em dez anos descobrimos seis, sete genes, e temos mais alguns em vista. Aprendemos muito nestes últimos anos. E isso foi possível graças à evolução da Biologia, que atingiu um grau de desenvolvimento que nos permite fazer estas novas descobertas. Portanto, é natural que, a partir de agora, que vamos ter novas ferramentas para estudar estes processos, consigamos desenvolver novas estratégias para intervir, novas terapêuticas.

QUANTO AO SEU TRABALHO DO INSTITUTO DE MEDICINA MOLECULAR (IMM), ONDE ESTAMOS... QUANDO VEM DOS ESTADOS UNIDOS, ACABA POR FUNDAR AQUI UM NOVO LABORATÓRIO. O QUE É FAZ CONCRETAMENTE NESTE LABORATÓRIO, NO DIA-A-DIA?

Eu regresssei dos Estados Unidos há seis meses, sensivelmente, para criar uma nova unidade, que se chama Unidade de Neurociência Celular e Molecular. É a unidade que eu dirijo aqui no IMM. É um grupo que neste momento tem sete pessoas, três com doutoramento, outra a caminho de

o fazer; tem também estudantes de mestrado e técnicos de laboratório. O objectivo é, de facto, perceber a base molecular destas doenças. Utilizamos uma série de técnicas de biologia molecular, relacionadas com as neurociências, utilizamos organismos-modelo diferentes, para tentarmos construir o *puzzle* a partir de pequenas peças. São trabalhos que supervisiono e acompanho.

QUAIS SÃO OS APOIOS ATRIBUÍDOS AO PROJECTO?

Os projectos têm financiamentos vários, inclusive da Fundação Gulbenkian, mas tenho dois projectos financiados pela Fundação Michael J. Fox, dos Estados Unidos, o que foi muito importante. O apoio de uma fundação americana significa que acreditam na investigação que se faz em Portugal, e que não têm receio de investir em nós, neste grupo. Tenho também projectos financiados pela Comissão Europeia. Tenho outro projecto apoiado pelo American Portuguese Biomedical Research Fund, que é um fundo criado para apoiar investigadores portugueses regressados a Portugal para iniciarem a sua actividade de investigação de forma independente. É o que tenho de momento, mas vou continuar a procurar mais apoios.

ESTES APOIOS SÃO FUNDAMENTAIS PARA CONTINUAR A SUA INVESTIGAÇÃO?

Sem apoios não se faz investigação. E é preciso explicar isso às pessoas. Em Portugal, não há muito uma cultura de mobilização e de apoio a projectos de investigação em que acreditem. Lá fora, há muitas associações de doentes e grupos sem qualquer fim lucrativo que investem em investigação e apostam em determinadas áreas. O caso da Fundação Michael J. Fox, por exemplo, que financia investigação da doença de Parkinson. Em Portugal, desconheço exemplos semelhantes. Há algumas fundações que apoiam investigação, mas de uma forma mais geral; não conheço nenhuma que apoie em determinada área. E isso faz falta. É importante que as pessoas se mobilizem, que a população em geral perceba a importância da investigação, que se mobilize e que invista, apoie a investigação. Só assim é que conseguiremos ter frutos.



TIAGO FLEMING OUTEIRO licenciou-se em Bioquímica pela Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e foi estudante de Erasmus na Universidade de Leeds, no Reino Unido. Fez depois a tese de doutoramento no Whitehead Institute for Biomedical Research, MIT, nos EUA, onde desenvolveu o primeiro modelo em levedura para a doença de Parkinson. Trabalhou como Investigador e Consultor na empresa de biotecnologia que ajudou a criar, a FoldRx Pharmaceuticals, nos EUA.

Fez o pós-doutoramento no Departamento de Neurologia do Hospital Geral de Massachusetts, Harvard Medical School, onde se focou no estudo de doenças neurodegenerativas, como a de Parkinson e a de Alzheimer. Foi um dos fundadores da BioEPI Clinical and Translational Research Center, empresa de biotecnologia em Portugal.

ESTE CICLO DE CONFERÊNCIAS EM QUE VAI PARTICIPAR INTITULA-SE “NA FRONTEIRA DA CIÊNCIA”. O TÍTULO REMETE-O PARA OS LIMITES DA CIÊNCIA OU PARA A AUSÊNCIA DE BARREIRAS NO TRABALHO DOS CIENTISTAS?
Em primeiro lugar acho que cada área da ciência depende cada vez mais das outras áreas da ciência. Cada vez somos mais especializados e sabemos mais de uma determinada área, mas não podemos fazer investigação de qualidade se não tivermos também apoio de áreas muito diferentes, se não tivermos os conhecimentos que surgem nas outras áreas para consubstanciar e apoiar aquilo que nós fazemos. Penso que o desafio é tentar estar sempre na fronteira, o mais à frente possível, o mais possível na fronteira daquilo que é imaginável para conseguir chegar mais longe.

AS PESSOAS FALAM MUITO DA CIÊNCIA QUANDO HÁ DESCOBERTAS, MAS LEMBRAM-SE SOBRETUDO QUANDO

HÁ PÂNICO MEDIÁTICO À VOLTA DE DOENÇAS QUE ELAS DESCONHECEM, NOMEADAMENTE A DAS VACAS LOUCAS, QUE IMPLICOU ATÉ O EMBARGO À CARNE PORTUGUESA, A SARS, A GRIPE DAS AVES, QUE SÃO NO FUNDO MOMENTOS DE PÂNICO MEDIÁTICO. ACHA QUE ISTO PREJUDICA O TRABALHO DOS CIENTISTAS?

Não penso que prejudique. Não digo que ajude, porque seria de alguma forma infeliz que tivéssemos de depender destes medos gerais para que as pessoas pudessem acreditar e vir ter connosco para que nós pudséssemos fazer mais e melhor. Não acho que prejudique; às vezes cria alguma confusão: as coisas não são bem explicadas e as pessoas assustam-se, daí que possa haver alguma confusão. Acho que é importante que cada vez mais se fale de ciência, explicando em condições aquilo que se passa. Por exemplo, questões que surgem com alguma frequência nos *media* ou de que se fala – os transgénicos, a clonagem – são grandes temas que têm muitas implicações éticas e que são muito complexos e de que, volta e meia, se ouve falar e ouvem-se opiniões que demonstram uma grande falta de informação. Por isso, acho importante que se fale de ciência, mas que se seja capaz de explicar em termos simples e desmitificar conceitos que muitas vezes não correspondem à realidade.

DURANTE MUITO TEMPO OS CIENTISTAS ESTIVERAM MUITO FECHADOS, NÃO QUERIAM COMUNICAR AQUILO QUE FAZIAM. ACHA QUE É IMPORTANTE ESSA COMUNICAÇÃO, É IMPORTANTE QUE VENHA DO LADO DOS CIENTISTAS, NÃO DO LADO DE EMPRESAS?

Sem dúvida. Acho essencial e acho que é um dever de quem faz ciência preocupar-se em explicar aquilo que faz. Porque só assim é que vamos conseguir que as pessoas que não fazem ciência, nem têm que fazer, se interessem por aquilo que nós fazemos, que nos saibam procurar para tentarmos resolver problemas gerais. Portanto, considero fundamental que os cientistas consigam “descomplicar” aquilo que fazem. De facto, muitas vezes é complexo e, só explicando, só com este tipo de interações, é que podemos avançar em conjunto. Julgo que os investigadores têm muito a ganhar também com esta capacidade de comunicar ciência. Aliás, eu tenho desenvolvido algumas actividades precisamente neste sentido: participar, escrever coisas sobre Ciência.

TÍNHAMOS AINDA UMA QUESTÃO, SÓ POR BRINCADEIRA... ALGUMA VEZ LHE PERGUNTARAM SE É PARENTE DE ALEXANDER FLEMING?

Sim, já me perguntaram algumas vezes, por brincadeira, penso eu... De facto, o nome tem origem escocesa e ele também era escocês, mas, tanto quanto sei, não há uma ligação directa. Se houver é algo muito antigo, eu conheci a minha bisavó, mãe do meu avô, mas ela já era portuguesa, portanto... ■



ABAIXO DO PARALELO 60

A Fundação Calouste Gulbenkian, através do Programa Gulbenkian Ambiente, vai participar nas actividades do Ano Polar Internacional 2007-2008 por via do financiamento do projecto Permadrill (*Permafrost Drilling in the Maritime Antarctic*). A iniciativa do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa faz parte de uma investigação mais vasta que irá monitorizar o *permafrost* (solo permanentemente gelado) e a camada activa (parte superficial não gelada), nas Ilhas Livingston e Deception, localizadas a cerca de 120 quilómetros da península Antártida. O projecto Permadrill consiste em duas perfurações de 20 a 25 metros de profundidade, que serão efectuadas no Verão austral de 2007-2008. A informação que poderá ser obtida com este processo tem grande valor científico, pois o estudo do *permafrost* é um dos meios mais seguros para detectar a evolução das alterações climáticas na Antártida, onde a temperatura média aumentou 2,5°C no último meio século. Neste vasto continente, abaixo do paralelo 60, só existem actualmente quatro estruturas de tipo e profundidade semelhantes à que será desenvolvida pelo Permadrill.

ANO INTERNACIONAL DO PLANETA TERRA

O plano de actividades do Comité Português constituído para o Ano Internacional do Planeta Terra (AIPT) foi apresentado a 10 de Novembro de 2007, Dia Mundial da Ciência ao Serviço da Paz e do Desenvolvimento, no Pavilhão do

Conhecimento, em Lisboa. Sob o tema “Ciências da Terra para a Sociedade”, o objectivo é contribuir para o desenvolvimento da vida diária, especialmente nos países menos desenvolvidos, promovendo o potencial social dos geocientistas. Vários projectos educativos foram apresentados, entre os quais “Latitude 60! Educação para o Planeta no Ano Polar Internacional”.

EXPEDIÇÃO AO PÓLO SUL

Também no âmbito do Ano Polar Internacional, sete jovens portugueses embarcaram numa viagem de quinze dias à Antártida que terminou no mês passado. A participação na expedição canadiana *Students on Ice*, uma oportunidade única, deveu-se ao concurso À Descoberta das Regiões Polares, organizado a nível nacional pelo projecto educativo Latitude 60!, com o apoio do Programa Ciência Viva. O concurso distinguiu trabalhos desenvolvidos por alunos do 12º ano e destinava-se a promover e divulgar os conhecimentos sobre as zonas polares. Os jovens partilharam experiências com cientistas e tiveram aulas a bordo. Todos os pormenores da expedição podem ser encontrados *on-line*, no blogue www.aumpassodalatitude60.blogspot.com, assinado por Gonçalo Vieira, onde estão publicados testemunhos escritos e fotografias. ■

**Programa
Gulbenkian
Ambiente**

SOBREVIVÊNCIA GLOBAL

Timothy O’Riordan, professor emérito de Ciências Ambientais da Universidade de East Anglia, estará em Lisboa este mês para o ciclo de conferências Enfrentando a Crise Global do Ambiente, uma iniciativa do Programa Gulbenkian Ambiente.

Autor de uma extensa bibliografia sobre sustentabilidade e questões institucionais relacionadas com políticas e práticas globais de transformação ambiental, entre as suas obras publicadas destaca-se Environmental science for environmental management.

A carreira académica de Timothy O’Riordan iniciou-se no Departamento de Geografia da Universidade Simon Fraser, Vancouver, ao mesmo tempo que se tornou activista em políticas ambientais. Em 1974, passou a leccionar na Faculdade de Ciências Ambientais, onde se dedicou à causa da interdisciplinaridade na sua área de investigação. Nos anos 80, foi conselheiro científico em várias comissões da União Europeia. Entre 2000 e 2003, foi membro da Comissão para o Desenvolvimento Sustentável do Reino Unido. Preparando a Sociedade e o Ambiente para a Sobrevivência Global é o título da conferência que se realiza no dia 19 de Fevereiro, às 18h, na sala 1 da Fundação Calouste Gulbenkian. Nesta curta entrevista, Timothy O’Riordan deixa algumas reflexões sobre a sociedade em que vivemos.

NA SUA CONFERÊNCIA IRÁ ABORDAR A QUESTÃO DA “SOBREVIVÊNCIA HUMANA GLOBAL”. ACHA QUE A VIDA NA TERRA ESTÁ A TORNAR-SE ASSIM TÃO DIFÍCIL?

O planeta tentará suportar aquilo que os humanos lhe andam a fazer, mas pode demorar dezenas de milhares de anos a adaptar-se. Na sua história turbulenta já sofreu golpes maiores, se nos lembrarmos dos chamados cinco períodos de extinção das espécies. Estes acontecimentos caracterizaram-se por uma intensa e prolongada actividade vulcânica, além do impacto de meteoritos. Em ambos os casos, o planeta cobriu-se de pó e os céus encheram-se de nuvens escuras por períodos prolongados. Mas a composição das espécies ganhou sempre maior diversidade nos milénios que se seguiram a estes acontecimentos tumultuosos.

O que o Homem está a fazer é uma das transformações mais extensas de que há registo nos processos naturais. Isto não se deve a factores naturais, portanto, como indivíduos que fazem parte de uma comunidade abrangente, a culpa só pode recair sobre nós. Não há dúvida de que não podemos procurar desculpas. Estamos conscientemente a influenciar os sistemas naturais planetários, ao ponto de podermos

causar uma “transformação abrupta”. A esta expressão chama-se às vezes ‘tipping points’. Estão criadas as condições para uma mudança fundamental na flexibilidade da Natureza, que pode levar a resultados desconhecidos na maneira como o clima, os oceanos, as florestas e os micróbios operam. Os sistemas e mecanismos responsáveis pelo equilíbrio do planeta podem vir a ser catastróficamente interrompidos. Não sabemos se e quando estas alterações abruptas aconte-



cerão, mas sabemos que tais efeitos poderão ter consequências inimagináveis para uma comunidade humana que é predominantemente pobre e muito vulnerável. Estou certo que haverá perdedores e que esses serão inevitavelmente os mais pobres. Mas não podemos prever até que ponto alterações repentinas como estas poderão afectar toda a comunidade humana. Tudo isto pode acontecer nos próximos cem anos se não alterarmos a nossa actuação e, na verdade, pode até mesmo acontecer nos próximos 50 anos. Quanto mais tempo passar sem fazermos nada, a não ser piorar as coisas, mais concretas se tornarão as alterações e mais inevitáveis serão os resultados.

A juntar a isto, o Homem absorve quase metade da energia solar que incide na superfície planetária, começa a esgotar alguns recursos e até espécies, como as que provêm da produção piscícola – já excedemos 90% da produção.

A água é escassa: todos os anos 2,9 milhões de pessoas morrem devido a contaminações relacionadas com a água, sendo todas elas evitáveis com um montante de dinheiro surpreendentemente modesto. Por isso, a família humana está ameaçada a longo prazo, enquanto vai causando sofrimento e dificuldades desnecessárias a quase dois terços de irmãos e irmãs. É difícil dizer se haverá uma extinção em massa da humanidade; mas podemos pensar que aparecerá nas cartas nos próximos 1000 anos ou menos. Em termos planetários, 1000 anos passam num piscar de olhos. Portanto temos duas opções: ou mudamos as nossas perspectivas e os comportamentos e a maneira como gerimos os nossos assuntos e instituições, ou contribuimos para o sofrimento já existente.



EM SUA OPINIÃO, PORQUE É QUE É TÃO DIFÍCIL CONSEGUIR QUE OS GOVERNOS LEVEM A SÉRIO O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL?

Os governos não encaram com seriedade a noção de desenvolvimento sustentável porque ela é ambígua, difícil de traduzir em *soundbites*, e não se consegue resolver no tempo de vida de um político no activo. Para mais, os esforços para com a sustentabilidade podem aparecer conotados com “sacrifício” para os actuais eleitorados, que se deparam com a subida dos custos de deslocação e de energia, e com mais regulação e restrições no seu comportamento no dia-a-dia. Não é popular, por isso os governantes esquivam-se perante a resistência do eleitorado. Além disso, os políticos detestam lidar com a cultura, com os valores e comportamentos. Adoram a tecnologia e adoram arranjar soluções de inovação. Portanto, vão adiando os assuntos relacionados

com as mudanças mais profundas, na cultura. Em qualquer caso, chegar à sustentabilidade significa uma grande mudança na forma como os governantes gerem os seus assuntos. Requer maior coordenação de políticas, novas medidas de bem-estar e de felicidade, e abordagens completamente novas para a tomada de decisões a longo prazo, quando os resultados são incertos. Julgo que todas as democracias dependem da insustentabilidade para sobreviverem politicamente. A viragem de um governo para a sustentabilidade implica uma mudança produzida por empatia por parte dos eleitorados. A viragem tanto dos governos como dos eleitorados para o caminho da sustentabilidade, e vê-los a fazerem-na com satisfação, é o desafio da nossa era.

OS CIDADÃOS DEVIAM ESTAR MAIS ENVOLVIDOS NESTE CONCEITO DE SUSTENTABILIDADE? SERÁ SUFICIENTEMENTE POPULAR?

Sim, os cidadãos deviam envolver-se mais. E muitos deles envolvem-se. Hoje, cerca de um quinto dos cidadãos europeus planeiam conscientemente formas de evitar o excesso de consumo, tomam opções éticas nas suas compras e nos seus padrões de vida e começaram a cortar seriamente nas substâncias mais nocivas para o planeta, nomeadamente o carbono. De facto, muitas comunidades estão a implementar estratégias de carbono-neutro numa base colectiva, portanto, há muito mobilização entre os cidadãos comuns. Neste sentido, a mudança cultural, sobretudo entre as mulheres e os jovens, é animadora. Mas precisa de uma nova cultura e política de virtude e de justiça social. É aqui que devemos concentrar a nossa atenção.

ATÉ QUE PONTO PODE A EUROPA REALMENTE DESEMPENHAR UM PAPEL GLOBAL NAS POLÍTICAS AMBIENTAIS?

Creio que a Europa pode intervir nesta transição para a sustentabilidade. A Agenda de Lisboa, ao promover a inovação e a competitividade, pode alargar-se à criação de iniciativas de sustentabilidade em toda a União [Europeia]. O que significa um novo sentido de “localismo” responsável, que se estabelece dentro de uma comunidade de nações que vêm um propósito comum para além dos “interesses nacionais” instituídos. Esta vai ser a grande oportunidade para os Estados-membros na década que se avizinha.

A chave para a Europa é juntar uma nova visão de comunicação e cooperação às virtudes da acção e da inovação sustentável, ligando a UE como um todo por via das regiões de interesse comum para as acções sustentáveis locais. O que quer dizer que os cidadãos virtuosos vão trabalhar com governantes virtuosos para formar uma parceria para a transição sustentável. É a nossa esperança, mas vamos ter de trabalhar muito arduamente para consegui-lo. Esta transformação vital não se vai operar facilmente. Mas não podemos evitar tentar, uma vez que só há um planeta disponível para os nossos descendentes fruírem. ■

PROGRAMA DE ESTÍMULO À INVESTIGAÇÃO

UM INCENTIVO À INVESTIGAÇÃO NA CIÊNCIA

Mais uma vez, o Programa de Estímulo à Investigação vai distinguir jovens investigadores que pretendem aprofundar e realizar projectos nas Faculdades em que estão inseridos. Das mais de três dezenas de candidaturas apresentadas no ano passado, o júri decidiu distinguir vários projectos nas seguintes áreas: Equações diferenciais e sistemas dinâmicos; Aplicações Inovadoras da Física; Cosmologia/Astrofísica e Nano-Química. A Fundação Gulbenkian vai apoiar cada um dos projectos com 12.500 euros, 2500 para o investigador e 10 mil para os encargos da respectiva instituição de acolhimento. Com o incentivo financeiro, o programa pretende estimular a criatividade e a qualidade de jovens investigadores em áreas científicas de elevado potencial. Na cerimónia que se realizará a 12 de Fevereiro, às 17h00 na sala 1 da Fundação, vão ser distinguidos oito investigadores em diversas áreas (ver texto abaixo). ■

1 / EQUAÇÕES DIFERENCIAIS E SISTEMAS DINÂMICOS

HUGO RICARDO NABAIS TAVARES

Sobre Fenómenos de Segregação em Sistemas Populacionais de Competição

Centro de Matemática e Aplicações Fundamentais,
Universidade de Lisboa

PEDRO MIGUEL PICADO DE CARVALHO SERRANHO

Método Híbrido para o Problema Inverso de Propagação Elástica de Ondas

Centro de Matemática e Aplicações (CEMAT), Universidade
Técnica de Lisboa

2 / APLICAÇÕES INOVADORAS DA FÍSICA

(FENÓMENOS NÃO-LINEARES, CIÊNCIAS DA VIDA, CIÊNCIAS SOCIAIS)

GANNA ROZHNOVA

A Física das Populações: o papel da rede de contactos na competição de espécies e na propagação de doenças.

Centro de Física Teórica e Computacional (CFTC),
Universidade de Lisboa

HELENA ANTUNES DA CRUZ

Dinâmica não-linear de condensados de Bose-Einstein atómico-moleculares em redes ópticas

Centro de Física Teórica e Computacional (CFTC),
Universidade de Lisboa

3 / COSMOLOGIA/ASTROFÍSICA

SAMUEL DE FREITAS MARTINS

Shedding a new light in relativistic astrophysics with massively parallel simulations

Centro de Física dos Plasmas, Universidade Técnica de Lisboa

XAVIER SERGE BONFILS

Search and Characterization of Planets orbiting Red Dwarfs: The First Telluric and Habitable Exoplanets

Centro de Astronomia e Astrofísica (CAAUL), Universidade
de Lisboa

4 / NANO-QUÍMICA

MÁRCIO MILTON NUNES TEMTEM

Smart NanoPorous Particles: a new route for controlled release to the lungs

Departamento de Química, Universidade Nova de Lisboa

MÓNICA BARROSO SILVA DA CRUZ

Semicondutores Nanoestruturados para a Conversão Fotoelectroquímica da Energia Solar

Departamento de Química, Universidade de Coimbra

l'état du monde

6 films, 6 pays, 6 regards sur le monde Apichatpong Weerasethakul

Vicente Ferraz

Ayisha Abraham

Wang Bing

Pedro Costa

Chantal Akerman



O ESTADO DO MUNDO ESTREIA EM PARIS

O *Estado do Mundo*, um filme em seis partes produzido durante o Fórum Cultural “O Estado do Mundo”, no âmbito das comemorações do cinquentenário da Fundação Calouste Gulbenkian, vai estrear-se em Paris, no Cinéma Le Balzac, a 19 de Fevereiro.

O filme reúne um conjunto de seis curtas-metragens, com duração aproximada de 15 minutos cada e resulta de uma encomenda feita pelo Fórum Cultural “O Estado do Mundo” a seis realizadores de diferentes nacionalidades: Apichatpong Weerasethakul (Tailândia), Vicente Ferraz (Brasil), Ayisha Abraham (Índia), Wang Bing (China), Pedro Costa (Portugal) e Chantal Akerman (França). As seis curtas-metragens são independentes entre si e cada uma delas é portadora de um olhar único e pessoal sobre aspectos diversos de pequenas partes do mundo actual.

Seleccionado para a última edição do Festival de Cannes, na secção Quinzena dos Realizadores, o filme *O Estado do Mundo* já foi posteriormente exibido em mais de vinte festivais internacionais de cinema. A estreia nacional realizou-se em Junho de 2007, na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa. A produção do filme esteve a cargo da Lx Filmes. ■

PRODUÇÕES GULBENKIAN EM FESTIVAIS DE CINEMA INTERNACIONAIS

A curta-metragem de ficção *Superfície*, de Rui Xavier, realizada em 2007 durante o Curso de Cinema do Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística (PGCCA), foi seleccionada para exibição na secção Berlinale Short, do Festival Internacional de Cinema de Berlim. A 58ª edição da Berlinale decorre entre 7 e 17 de Fevereiro. O jovem realizador David Bonneville, autor da curta-metragem *Heiko*, também foi seleccionado para integrar o Berlinale Talent Campus 2008. O seu filme bem como o de Cláudia Varejão, *Fim-de-Semana*, ambos realizados em 2007 no âmbito do PGCCA, já foram exibidos este ano no Festival de Cinema Slamdance, nos Estados Unidos. Em Itália, no início de Janeiro, o júri do Festival Pontino del Cortometraggio atribuiu uma Menção Honrosa ao filme *My Sugar*, da realizadora Joana Lima, que frequentou igualmente esta 2ª edição do Curso de Cinema do PGCCA. ■



Superfície, Rui Xavier

MOSTRA DE DOCUMENTÁRIOS E OUTRAS ARTES EM LISBOA

Este mês são projectados no Cinema São Jorge, entre outros filmes, nove documentários realizados em 2006, na 2ª edição do Curso de Documentário do PGCCA. Trata-se da iniciativa Panorama 2008 – 2ª Mostra do Documentário Português, organizada pela Apordoc e pela Videoteca Municipal de Lisboa. Estão agendadas as sessões: *O Auto das Velas*, de Filipa Serejo (17 Fev., 18h), *Assembleia*, de Leonor Noivo (20 Fev., 21h), *No Fundo da Gaveta*, de Joana Pinho Neves, e *Quem É que nós Somos*, de Adriana Bolito (21 Fev., 21h), *Quinta da Curraleira*, de Tiago Hespanha, e *O Sonho de D. Arménio*, de Rosa Branca Almeida (21 Fev., 14h), *Pausa para Café*, de Cláudia Rita Oliveira (22 Fev., 14h), *Alda*, de Miguel Coelho (23 Fev., 18h), e *Pé na Terra*, de João Vladimiro (23 Fev., 21h).

ÓPERA E TEATRO

A ópera *O Diário do Desaparecido*, de Leoš Janáček, que Marie Mignot encenou no âmbito da 2ª edição do Curso de Encenação de Ópera do Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística, é apresentada em Almada, no Fórum Romeu Correia – Auditório Fernando Lopes-Graça, no dia 7 de Fevereiro, às 21h30. Marie Mignot é antiga aluna da Escola do Louvre, em França. Tem vindo a desenvolver em paralelo uma carreira de actriz e, desde 1999, trabalha regularmente com a companhia RE-AL.

Os alunos da 2ª edição do Curso de Encenação de Teatro, organizado em colaboração com a companhia inglesa Third Angel, que esteve recentemente na Culturgest com o espectáculo *Presumption*, foram convidados a apresentar novas criações teatrais na Sala Polivalente do CAMJAP. As últimas apresentações realizam-se no dia 2 de Fevereiro, às 21h30: *Muitas Pessoas*, de Joana Areal, e *20'* de Alfredo Martins, Paula Diogo, Simão Cayatte e Sofia Ferrão. ■



Sob direcção artística do maestro Jorge Matta, acabam de ser lançados dois discos inéditos de polifonia portuguesa religiosa pelo Coro Gulbenkian. Trata-se da estreia discográfica mundial de “Pero de Gamboa: *Motets* e Lourenço Ribeiro: *Missa pro defunctis*” e de “*Vilancicos negros* do Século XVII”.

Pero de Gamboa e Lourenço Ribeiro, dois compositores portugueses do século XVI praticamente desconhecidos até agora, formaram-se na escola de música da Sé de Braga. Só recentemente foram transcritas as suas obras, a partir de fontes descobertas pelo musicólogo João Pedro de Alvarenga.

Contrariamente à austeridade das duas obras dos autores anteriores, os “*Vilancicos negros*” integram apenas composições anónimas do século XVII, provenientes dos fundos que pertenceram em tempos ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e que hoje estão na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Os manuscritos foram trabalhados e transcritos pelo maestro Jorge Matta. Sendo o vilancico uma das formas poético-musicais mais importantes da música ibérica do Renascimento, os negros são canções de Natal,

CORO GULBENKIAN NOVOS DISCOS

na sua maioria para serem cantadas na igreja, e são exemplos da troca cultural inerente aos Descobrimentos e evangelização portuguesa. O texto está escrito em várias línguas – português, castelhano, crioulo e outras, que aparecem em diálogo, misturadas ou com exotismos. “Não é música africana”, como ressalva Rui Vieira Nery, director-adjunto do Serviço de Música da Fundação Gulbenkian. “É música de compositores portugueses, os mesmos que compunham polifonia latina, mas que, para algumas festas mais alegres, como é o caso do Natal ou do Corpo de Cristo, faziam peças alusivas à adoração do Menino Jesus no Presépio”, explica. Da investigação de Jorge Matta resulta que, “embora não haja qualquer tipo de descrição da execução destes vilancicos, é muito provável que esta envolvesse algum tipo de representação e encenação, incluindo danças, além, evidentemente, da utilização de instrumentos variados”.

Em conjunto com as composições de Pero de Gamboa e Lourenço Ribeiro, os “*Vilancicos negros* do Século XVII” constituem um contributo importante para melhor dar a conhecer ao público a música portuguesa polifónica dos séculos XVI e XVII. Os discos são editados pela Portugaler. ■

EXPOSIÇÕES 2008



Foto RMN / © Direitos reservados

Joseph-Marie Vien (1716-1809), *A vendadora de cupidos*, Paris, 1763, Musée National du Château de Fontainebleau, depósito do Museu do Louvre.

DESTAQUE

MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN O GOSTO “À GREGA” NAS ARTES DECORATIVAS FRANCESAS

São 126 obras, entre esculturas, pinturas, gravuras, porcelanas orientais e de Sèvres, bronzes, peças de mobiliário e de ourivesaria, revelando 25 anos de história da arte francesa dominados pelo Neoclassicismo.

O encerramento, por motivo de obras, do Departamento de Artes Decorativas do Museu do Louvre, tornou possível a realização desta mostra dedicada ao século XVIII francês. Esta é uma de três exposições itinerantes que têm vindo a circular nos EUA, Japão e Espanha. Organizada em conjunto pelo Museu do Louvre e pelo Património Nacional de Espanha, em colaboração com o Museu Gulbenkian, **O Gosto**

“à grega” nas Artes Decorativas Francesas 1750-1775 abre ao público, a 15 de Fevereiro, depois de ter sido apresentada no Palácio Real em Madrid.

O estilo neoclássico manifestou-se em toda a Europa num período compreendido entre meados do século XVIII e a primeira metade do século XIX. No caso de França, o gosto “à grega”, presente nas mais diversas expressões da arte bem como da vida quotidiana da segunda metade de Setecentos, acompanha igualmente um retorno ao classicismo que caracterizara o *grand genre* da época de Luís XIV, considerada então como a idade de ouro das artes e das letras.

A mostra salienta três momentos bem definidos. Começa por destacar o papel relevante de uma elite social e intelectual, enquanto precursora da implantação do gosto “à grega”. Em seguida, testemunha o predomínio deste novo estilo na arquitetura, escultura, gravura, artes decorativas e pintura, através de uma gramática decorativa inspirada nos modelos gregos. Termina com a apresentação de um importante núcleo de obras, na sua maioria do Pavilhão de Música, erigido nos jardins do Palácio de Louveciennes, residência preferida de

Madame du Barry, última favorita de Luís XV, que se revelou uma das mais ardentes defensoras do estilo neoclássico.

A apresentação de *O Gosto à Grega* em Lisboa estabelece uma continuidade com a exposição *Os Gregos. Tesouros do Museu Benaki, Atenas*, recentemente apresentada no Museu Gulbenkian. Esta exposição estará patente na Galeria de Exposições Temporárias da Sede e não na sala do Museu, como aconteceu com a mostra *O Gosto do Coleccionador*, nas comemorações do cinquentenário da Fundação em 2006.

Em Março, o Museu inaugura a mostra **A Educação do Príncipe. Obras-primas da Coleção do Museu Aga Khan**, na sua Sala de Exposições Temporárias. Organizada pelo Aga Khan Trust of Culture, em colaboração com o Museu

Gulbenkian, abre ao público no dia **14 de Março**, revelando cerca de 1000 anos da produção artística, do séc. IX ao séc. XIX, representativa de uma ampla área geográfica que se estende de Espanha à Indonésia. Entre as obras apresentadas destacam-se manuscritos iluminados, metais, têxteis, jóias, vidros e pintura, muitas das quais foram apresentadas previamente em Parma, Londres e Paris. Em 2010 integrarão a coleção permanente do futuro Museu Aga Khan, em Toronto.

Louis-Nicolas van Blarenbergh (1716-1794), Caixa de rapé, Paris, c. 1770
Museu do Louvre

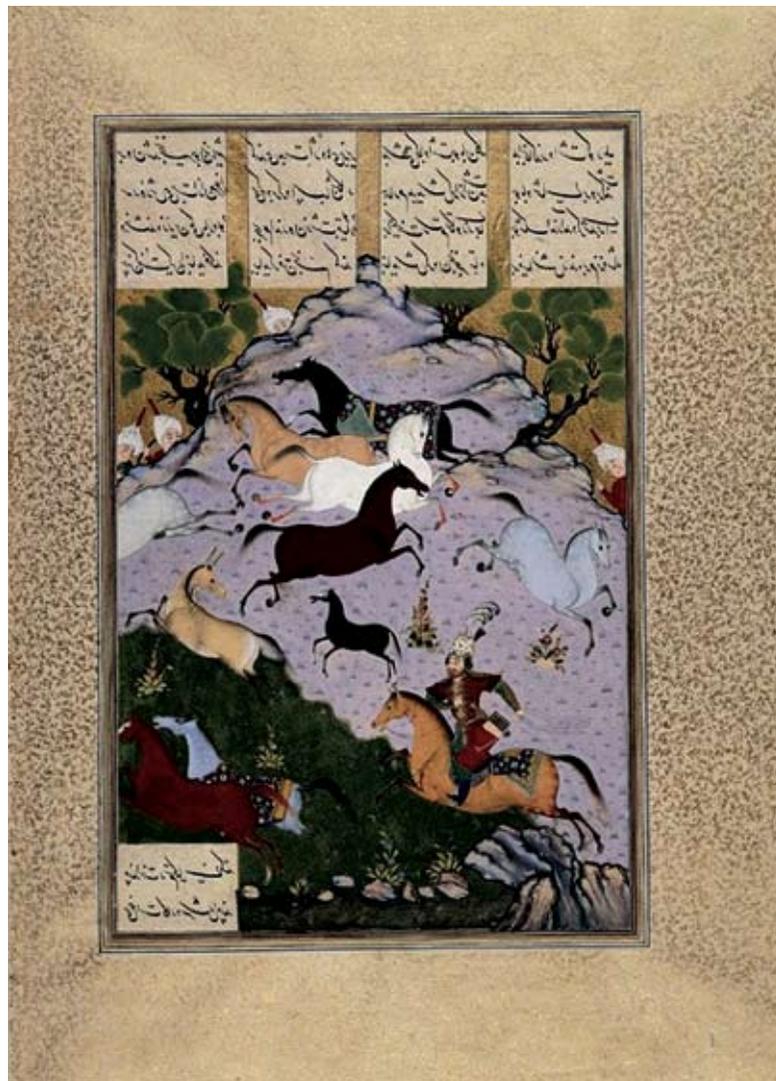


Foto RMN / © Jean-Gilles Berizzi



Foto RMN
© Martine Beck - Coppola

Vaso «Bachelier à serpents»,
Manufactura Real de
Porcelana de Sèvres, c. 1766,
Paris, Museu do Louvre



Rostam persegue o demónio Akvan disfarçado de onagre- Pérsia, Tabriz- c. 1530-1535

A LITERATURA EM EXPOSIÇÃO

Uma exposição sobre Literatura, promovida pelo Serviço de Educação e Bolsas é uma das novidades a apresentar no decurso deste ano. A Galeria de Exposições Temporárias da Sede será o palco desta iniciativa que se realiza de Setembro a Dezembro de 2008. António M. Feijó é o comissário da exposição, que conta com vários consultores científicos, como Fernando B. Martinho, Sérgio Campos Matos, Patrícia Cabral Correia Guedes, Fernando Cabral Martins, Luís Manuel Gaspar, João Figueiredo, Gustavo Rubim, Abel Barros Baptista e Richard Zenith. A concepção do espaço estará a cargo dos arquitectos Francisco e Manuel Aires Mateus. A mostra pretende questionar o que se entende por literatura, reconfigurando a leitura como uma actividade árdua em que, no entanto, os ganhos excedem e cumulam o esforço. Haverá um programa de conferências e actividades em paralelo durante os três meses da exposição.



Rachel Reupke, Infrastruture, still de vídeo



Ida e Volta: Ficção e Realidade

CENTRO DE ARTE MODERNA JOSÉ DE AZEREDO PERDIGÃO

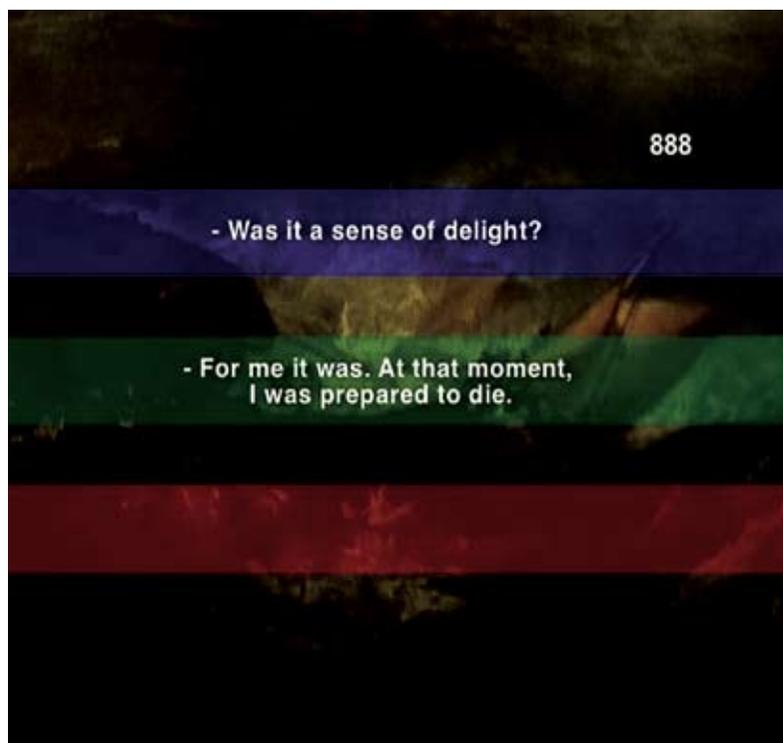
A exposição comissariada por Christine van Assche, do Centro Georges Pompidou, *Ida e Volta: Ficção e Realidade*, pode ser visitada até 1 de Junho. Continuam ainda as mostras de fotografia de Patrick Faigenbaum (até 24 de Fevereiro) e a apresentação da Coleção do Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, até final do ano.

Quanto a novas exposições, o CAMJAP apresenta, a partir do dia 14 de Março, **TILT** de **Pedro Cabral Santo**. Através de obras de carácter escultórico e de vídeo, o artista evoca memórias afectivas e mecanismos de percepção, convocando artistas como Turner, Brancusi, Penone e Courbet. Nascido em 1968, Pedro Cabral Santo tem vindo a desenvolver, nos últimos dez anos, a actividade de artista plástico e de comissário de exposições, participando, igualmente, em espectáculos de teatro e em projectos musicais. A mostra ocupará a Sala de Exposições Temporárias do CAMJAP até dia 18 de Maio.

A esta exposição segue-se a do artista belga **Michel François** que vai apresentar um projecto desenvolvido especificamente para esse espaço, a partir de 30 de Maio. Nascido em 1956, Michael François tem marcado, ao longo das duas últimas décadas, uma presença constante na cena artística internacional como criador de imagens e de situações/instalações. A exposição pode ser visitada até 31 de Agosto.

Um conjunto assinalável de obras da **Colecção do Deutschebank** será exibido na Sede da Fundação, entre 3 de Junho e 7 de Setembro, comissariado por Jürgen Bock.

A partir de 11 de Julho uma selecção de obras do artista brasileiro Waltércio Caldas ocupará o CAMJAP. **Waltércio Caldas** é um artista que tem vindo a adquirir uma grande visibilidade em acontecimentos e instituições internacionais,



TILT, Pedro Cabral Santo

nomeadamente na última Bienal de Veneza. A mostra pode ser visitada até ao dia 14 de Dezembro.

A sexta edição do ciclo **7 Artistas ao 10º Mês**, mostrará, de 3 de Outubro a 11 de Janeiro, sete artistas emergentes seleccionados por Filipa Oliveira, na sala do piso 01 da Sede da Fundação.

A temporada do CAMJAP encerra com uma exposição de **Tim Eitel**, pintor ligado ao movimento Renascimento de Leipzig, expoente da exploração de novos caminhos na pintura contemporânea. A mostra pode ser visitada na Sala de Exposições Temporárias do CAMJAP entre 17 de Outubro e 11 de Janeiro de 2009.



Jorge Martins, *Cosi fan Tutte*, 2004, Grafite s/ papel, 160 x 120 cm, Coleção do Artista

NO ESTRANGEIRO

Desenhos inéditos de **Jorge Martins** vão estar expostos no Centro Cultural de Paris de 20 de Fevereiro a 11 de Abril. Sob o título **Projecto Desenho 2002-2007**, a mostra inclui 40 obras a grafite, de grande formato, seleccionadas a partir de uma série de centena e meia de desenhos recentes do artista. Aqui, no lugar do desenho, Jorge Martins retoma algumas das questões exploradas na sua obra, ensaia e dá corpo a novas soluções (e composições), marcadas por uma grande liberdade formal e conceptual que determina, em parte, uma tão grande diversidade de registos que caracteriza este conjunto. Esse regresso incessante à sua obra assume agora um carácter quase programático, designando o desenho como lugar de memória, palavra que é, aliás, retomada em muitos dos títulos desta série de trabalhos. São certamente memórias pessoais, íntimas, ainda que nunca explicitadas, mas são, sobretudo, memórias do próprio desenho. Com um percurso artístico de quase cinco décadas, Jorge Martins dedicou-se desde o início da sua actividade artística à prática do desenho, criando uma obra de referência nesta disciplina, paralela à sua actividade enquanto pintor. A escultura, a gravura, a ilustração e a tapeçaria são outras das actividades desenvolvidas por



Jorge Martins, *Three for darkness*, 2004, Grafite s/ papel, 120 x 160 cm, Coleção do Artista

Jorge Martins que soube, através de uma obra plural, atenta ao seu tempo e aos lugares onde viveu (Paris, Nova Iorque, Lisboa), construir o que poderíamos chamar uma marca autoral. Esta mostra resulta de uma colaboração com o Serviço de Belas-Artes da Fundação e é comissariada por Rita Fabiana.

Um Novo Mundo, Um Novo Império – A Corte Portuguesa no Brasil – 1808-1822 é o título da exposição que vai abrir as comemorações dos 200 anos da deslocação da corte portuguesa para o Brasil. A mostra é inaugurada no Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro a 7 Março, dia em que a esquadra da família real chegou à Baía da Guanabara. Com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, a mostra aborda os aspectos políticos e sócio-culturais desse acontecimento, apresentando ao público 320 peças brasileiras e portuguesas, pertencentes a instituições públicas e privadas e a colecionadores particulares. Será exposto um conjunto de documentos, acompanhado de objectos, muitos dos quais desconhecidos do grande público. Complementando a exposição, será editado um catálogo em que participam os historiadores Afonso Marques dos Santos (*in memoriam*), Arno Wehling, Eduardo Lourenço, Jorge Couto e Vera Lucia Bottrel Tostes. A chegada da corte portuguesa ao Brasil representou não apenas o início da formação de uma nova nação, mas também a construção de um império na América, na qual o Rio de Janeiro ocupou o lugar central, como capital do Império Luso-Brasileiro. Celebrar os 200 anos dessa efeméride significa reler o episódio histórico com um novo olhar sobre os seus personagens e, em especial, D. João VI, o primeiro monarca europeu a cruzar a linha do Equador, a pisar terra tropical e a ser aclamado rei na colónia. A ele se deve a formação de um Estado independente e com a dimensão territorial que tem hoje. ■

PELA AUTO-REGULAÇÃO NAS FUNDAÇÕES EUROPEIAS

O Presidente da Fundação Gulbenkian foi o orador convidado para a conferência inaugural do 11º Curso de Pós-Graduação em Direito Penal Económico e Europeu do Instituto de Direito Penal Económico e Europeu da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, no dia 4 de Janeiro. Emílio Rui Vilar abordou a questão da internacionalização da filantropia no contexto específico do movimento fundacional europeu, analisando os incentivos e os constrangimentos a que as fundações estão sujeitas e que irão determinar não apenas a sua evolução futura, como também conformar a definição dos requisitos legais e institucionais da sua actuação transfronteiriça.

A decisão da Comissão Europeia, de 2007, de promover um estudo sobre a viabilidade e a possibilidade de adoptar um estatuto de Fundação Europeia foi apontada como um estímulo e um reconhecimento, assim como a jurisprudência mais recente do Tribunal de Justiça da União Europeia, de 2006, que teve como consequência uma clarificação sobre a aplicabilidade às fundações das liberdades de circulação previstas nos Tratados.

Os constrangimentos às actividades do movimento fundacional europeu advêm, por sua vez, quer de restrições directas das legislações nacionais, quer de situações resultantes de um mau uso da figura fundacional que acabam por se repercutir negativamente na confiança pública de que gozam estas instituições. Apesar destes abusos a que as fundações não estão imunes, o presidente defendeu a auto-regulação como a solução mais adequada para o sector das fundações, o que deveria significar não apenas modelos de governação que promovam a eficácia da gestão, mas também a auto-imposição pelas fundações de códigos de conduta, que combinem eficiência com elevados padrões éticos, com uma definição clara da missão da instituição e com regras exigentes sobre conflitos de interesses. Apenas deste modo, as próprias fundações se poderão defender de eventuais utilizações indevidas, afastando também as tentações de supervisão e de regulação do Estado, com base em práticas rigorosas de transparência e de prestação de contas. A supervisão do Estado às actividades das fundações deverá limitar-se à verificação dos pressupostos que legitimaram os eventuais benefícios fiscais, de acordo com um princípio de reciprocidade. ■



FUNDAÇÃO GULBENKIAN NO YOUTUBE

A Fundação aderiu ao Youtube (www.youtube.com), o *site* mais popular de partilha de vídeos na Internet. Uma série de vídeos institucionais já se encontra disponível, contando, entre outros, com o *clip* de promoção do filme realizado sobre o Projecto Geração, um programa de integração e desenvolvimento social no bairro de realojamento do Casal da Boba, Amadora. Em breve, serão apresentados vídeos relativos ao ciclo de conferências Na Fronteira da Ciência, que está a decorrer e que se prolonga até Julho de 2008. ■



KING'S COLLEGE DISTINGUE MIKHAEL ESSAYAN

Mikhael Essayan, presidente honorário da Fundação Gulbenkian, recebeu o título de Honorary Fellow do King's College de Londres, numa cerimónia realizada no Barbican, no dia 15 de Fevereiro. O Marquess Douro, presidente do College Council do King's College saudou o homenageado dizendo que a distinção louva o trabalho que Mikhael Essayan desenvolveu na Fundação, ao mesmo tempo que honra a memória de Calouste Gulbenkian, que também ali se licenciou, em 1887.

Martin Essayan, filho de Mikhael Essayan e administrador da Fundação, destacou o King's College como “uma das universidades de topo na Europa”, em permanente subida no *ranking* internacional. Esta atribuição traduz o respeito que o Reino Unido tem pelo trabalho desenvolvido por Calouste Gulbenkian e pela Fundação. ■



NOVO CENTRO DE ESTUDOS PORTUGUESES EM COCHIM

A 3 de Fevereiro é inaugurado o Instituto de Investigação Vasco da Gama, no Paço Episcopal de Cochim, onde também se encontra o Museu Indo-Português, construído de raiz pela Fundação Calouste Gulbenkian. A cerimónia encerra as comemorações dos 450 anos da Diocese de Cochim, nascida do Padroado Português, e inclui a apresentação de um catálogo do museu, da autoria de Maria Helena Mendes Pinto, responsável pela selecção das peças e acompanhamento da construção do edifício. O museu foi considerado à data da sua inauguração, em 2000, como o melhor da Índia. O Instituto de Investigação Vasco da Gama, para o qual a Fundação contribuiu com mobiliário, equipamento informático e audiovisual, é uma iniciativa de D. John Thattumkal, actual Bispo de Cochim, e vai albergar o Arquivo Histórico da Diocese. A inauguração conta com a presença de Emílio Rui Vilar, Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, e completa um ciclo de projectos de reabilitação do património histórico que trouxe novo fôlego às relações entre Cochim e Portugal. ■

HISTÓRIAS DE LIVROS

A obra *Histórias de Livros para a História do Livro*, de José Vitorino de Pina Martins, foi lançada no mês passado, numa edição da Fundação Gulbenkian há muito aguardada. Trata-se de uma antologia que mistura realidade e ficção, que reinventa histórias em “estilo memorialista” e com “humor erasmiano”, como aponta Aires A. Nascimento no prefácio. Aí também se destaca “o amor pelos livros” e a cultura do filósofo português, antigo presidente da Academia de Ciências de Lisboa, considerado por muitos um “humanista clássico dos nossos dias”. No livro são narrados episódios do encontro do professor com cada um dos seus livros e recria-se o processo de formação da sua biblioteca.

A apresentação da obra foi feita pelo professor Adriano Moreira, hoje presidente da Academia de Ciências de Lisboa, que sublinhou o livro como “instrumento necessário para combater a alienação” e como “herança física que nos sobrevive”. Revelou ainda, em primeira mão, que a biblioteca do autor será inscrita no património cultural da Academia, numa iniciativa apoiada pelo Presidente da República. Da obra mais recente de José Vitorino de Pina Martins destaca-se *Utopia III*, onde o autor retomava a Utopia de Tomás Moro, numa viagem do séc. XVI até à actualidade. ■

MEDICINA E CRIAÇÃO ARTÍSTICA

Medicina e outras Artes é o primeiro de um conjunto de cinco pequenos volumes que reúnem as conferências do Fórum Gulbenkian Saúde 2006-2007. Neste livro encontramos os contributos de João Lobo Antunes, Clara Crabbé Rocha e José Melo Cristino, que lançam um olhar sobre a Medicina enquanto fonte de inspiração, em domínios tão diversos da criação artística como a pintura, a literatura ou a música. Nas palavras de Jorge Soares, comissário do Fórum: “A medicina constrói pontes entre culturas aparentemente distintas: as artes e as humanidades, por um lado, e as ciências e as tecnologias, por outro. Isso talvez explique porque, quando lhe perguntaram ‘o que gostaria de ser se não pudesse ser médico’, Egas Moniz tenha respondido: ‘pintor, se para tanto tivesse habilidade.’” ■

SAÚDE GLOBAL

O processo de globalização exige novas abordagens aos problemas de saúde, bem como modelos inovadores de governação. É neste contexto transnacional que surge agora a edição *Perspectivas Europeias sobre Saúde Global: Um Glossário de Políticas de Saúde*, resultado da primeira fase do trabalho da Parceria Europeia para a Saúde Global, grupo pertencente ao Centro Europeu de Fundações. Este glossário, coordenado por Ilona Kickbusch e Graham Lister, afirma a necessidade de uma estratégia europeia para questões de Saúde Global, baseada na defesa da saúde como um direito humano fundamental, uma dimensão essencial do desenvolvimento humano e um bem público global. ■

CONFERÊNCIAS EM LIVRO

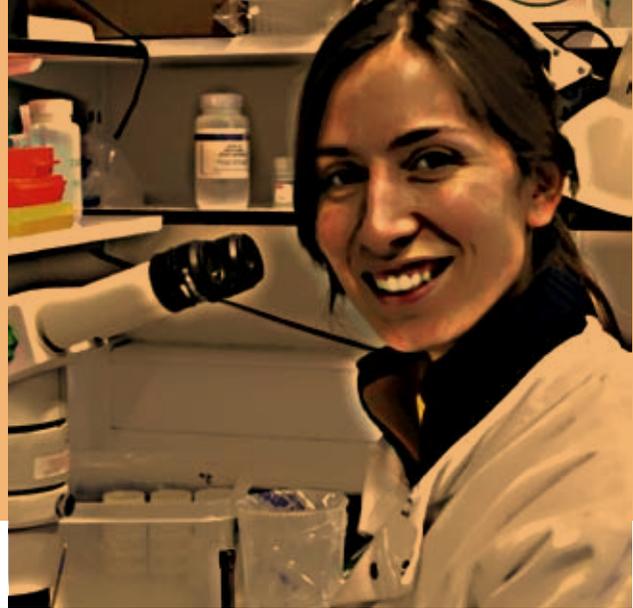
Em 2004 e 2005 decorreram dois ciclos de conferências com a designação “Ao Encontro da Medicina”, organizados conjuntamente pela Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa e pelo Serviço de Saúde e de Desenvolvimento Humano da Fundação Gulbenkian. Um conjunto distinto de especialistas foi dando conta, ao longo de dois anos, de alguns dos progressos mais relevantes nas áreas do diagnóstico e do tratamento, proporcionados por novas tecnologias médicas e pelos desenvolvimentos da ciência biomédica. A presente publicação das conferências foi coordenada por Jorge Soares, presidente da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, a quem também se deve a iniciativa dos ciclos. ■

O CONTROLO GENÉTICO DA DIFERENCIAÇÃO CELULAR

Mariana Canas Simões*

27 anos

Biomedicina



QUAL FOI O SEU O PERCURSO ACADÉMICO ATÉ INICIAR O DOUTORAMENTO EM OXFORD?

Despertei para a ideia do doutoramento durante a minha licenciatura. Como o meu conhecimento sobre o assunto era limitado, decidi enveredar pelo meio académico para ter uma ideia mais clara sobre o trabalho de investigação científica. Em determinada altura, fui aceite na Universidade de Edimburgo com uma bolsa de Verão pela Wellcome Trust. Desde então, passei os Verões a aprender em diversos laboratórios durante a licenciatura, nos EUA e no Reino Unido. Foi uma experiência que não só valorizou o meu currículo, como me ajudou também a tomar a decisão sobre a área e o local para o doutoramento.

Diversos colegas em Oxford tiveram experiências semelhantes e outros tiveram percursos menos académicos. O que é comum a todos é o facto de terem feito algo invulgar. Por exemplo, algumas pessoas passaram o tempo livre em projectos de contactos com outras culturas. Estas pessoas demonstraram iniciativa e curiosidade ao saírem das suas zonas de conforto. Estas qualidades são desejáveis num estudante de doutoramento.

QUAL A ÁREA QUE INVESTIGA?

Ingressei num programa de estudo sobre o desenvolvimento genético celular utilizando como animal-modelo o simples nemátodo, *Caenorhabditis elegans*. A razão para utilizar este pequeno organismo prende-se com o facto de permanecerem conservados durante a sua evolução mais de 60 por cento dos seus genes, os quais existem em organismos mais recentes e complexos, como os humanos. Como é difícil estudar estes genes e as falhas que dão lugar a doenças graves em humanos, animais simples como este são ideais para o seu estudo.

A minha área de interesse envolve os processos de controlo genético de diferenciação celular que fazem com que células que contêm o mesmo código genético expressem diferentes genes e se tornem especializadas de modos diferentes durante o desenvolvimento. Será mais fácil compreender esta área com perguntas como “porque são as células musculares diferentes das da pele?” e “quais são os genes que



controlam a expressão celular que faz com que tecidos se formem de maneiras singulares durante o desenvolvimento?”

E DEPOIS DO DOUTORAMENTO?

Continuo com o projecto do doutoramento, por poucos meses, no mesmo laboratório, com o objectivo de publicar este trabalho. De seguida, decidi fazer um percurso académico e estou em fase de entrevistas com alguns laboratórios no Reino Unido. Escolhi esta trajectória por ser a que oferece mais treino e conhecimento na área que me interessa, do ponto de vista académico. Escolhi começar a vida de pós-doutoramento em Universidades do Reino Unido por terem projectos de grande interesse e por serem um dos melhores meios académicos no mundo. No entanto, não ponho de parte o regresso a Portugal, com mais treino e experiência. Estou impressionada com os esforços que se têm desenvolvido na área de investigação científica em biologia molecular em Portugal (como o IGC, EAO, ITQB, IBET, CEBIP, CNC, IBMC e Fundação Champalimaud). Não é raro encontrar colegas portugueses em conferências internacionais e é sempre com muito orgulho que observo os projectos de grande interesse e sucesso que se fazem actualmente em Portugal. ■

* bolsista do Serviço de Educação e Bolsas na Universidade de Oxford

A PARÓDIA COMO FIO CONDUTOR DAS ARTES

Gonçalo Barreiros*

29 anos

Escultura



QUE BALANÇO FAZ DO MESTRADO QUE FREQUENTA NA SLADE SCHOOL OF FINE ART?

Este balanço não está dissociado de toda uma experiência pessoal de abertura a um universo cultural amplo, mas também bastante diverso, e a uma nova realidade social. O mestrado em artes plásticas na Slade School of Fine Art pode ter duas modalidades que divergem na orientação da pesquisa teórica, sendo que, no mestrado que eu estou a tirar, esta deverá ser totalmente orientada para a prática artística individual de cada aluno. Há três momentos decisivos: a entrega da tese, em Dezembro passado; uma apresentação visual e discussão teórica, que marca um segundo momento e que terá lugar em Março; e, por último, uma exposição final de curso, em Junho. A experiência de viver em Londres está a ter influência directa na forma como evolui o meu trabalho. A diversidade e riqueza cultural são grandes, mas também os problemas e as tensões sociais o são. Neste contexto, a forma como se tem desenvolvido o meu trabalho reflecte a urgência e a necessidade de criar um sistema orgânico de resposta e reenvio dos estímulos e do impacto que esta realidade tem sobre mim. Um dos momentos importantes do mestrado é a tese.

QUE TEMAS PRIVILEGIOU NA PESQUISA TEÓRICA PARA A TESE?

Numa primeira fase, reuni um conjunto alargado de artistas e autores no sentido de, a partir da análise dos seus trabalhos, criar um histórico de assuntos e ideias. Uma espécie de arquivo que, de forma muito solta, pudesse ajudar a constituir, numa fase inicial, um esquema tipo rizoma de ideias a desenvolver. Isso serviu essencialmente para definir o fio condutor de toda a tese. Nesse sentido, defini o humor e, mais especificamente, a paródia e, sob a sua perspectiva, alinhei um conjunto de ideias relevantes para a minha prática, através não só do trabalho de autores e artistas específicos, mas também na primeira pessoa, olhando directamente para o meu trabalho. A minha pesquisa tem sido orientada para a leitura de uma série de textos, na sua maioria ficcionais, e para a análise de um curto segmento de um filme. Em todos estas peças e excertos, existe uma suspensão e/ou um congelamento de uma acção. Interessa-me analisar uma série de trabalhos nos



Gonçalo Barreiros, *Enfartamento*

quais o curso linear da narrativa ou de uma acção “encalha” num momento, ou em que se dá um salto abrupto para uma outra situação completamente diferente, e as implicações e os processos envolvidos em cada caso, esse momento que pode abrir uma porta para algo totalmente diverso ou como

ponto incontornável de retorno, fechando a acção sobre si mesma num espaço de tempo repetido.

DE QUE MODO ESSA PESQUISA SE REFLECTIU NO SEU TRABALHO?

Ao nível da minha prática artística esta pesquisa teve repercussões importantes.

Por um lado, enriquecendo o leque de recursos de trabalho, potenciando um conjunto novo de projectos de longo curso de investigação prática; e, por outro lado, veio também sustentar a abertura da minha prática para além da disciplina específica da escultura, para um novo ciclo e série de trabalhos que surgirão em cada momento formalmente imprevisíveis, mas coerentes com uma lógica que se vai desdobrando.

Para além disso, durante todo este processo acabei por descobrir artistas, autores e assuntos que me fascinaram, sem que tivesse feito referência à maioria deles na tese final. A minha pesquisa, para além dos objectivos que se propôs alcançar, veio actuar também de forma fértil a outros níveis, principalmente porque me possibilitou perceber e criar a estrutura ou modelo de investigação que poderei continuar a seguir e que mais se adequa ao meu trabalho. Tem sido um período estimulante em termos pessoais e académicos e que está a permitir abrir novos caminhos dentro da minha prática artística, assim como uma consciência mais alargada. ■

* bolseiro do Serviço de Belas-Artes na Slade School of Fine Art, Londres



FRAGMENTO DE SEDA

Este tecido de seda *gros de Tours*, executado em Lyon, com decoração de grandes ramos de flores, arabescos, cordões, fitas e pérolas, numa composição de grande equilíbrio, corresponde ao gosto da época de Luís XVI (r. 1774-1792). A decoração de rosas, fitas e pérolas será nesta época uma presença frequente nos móveis e tecidos destinados à Casa Real, nomeadamente aos aposentos da rainha Maria Antonieta.

O grande especialista em Artes Decorativas francesas, Pierre Verlet, identificou este fragmento como “um móvel de *gros de Naples* espolinado género arabesco, com cores matizadas sobre fundo branco”, do Inventário de 1789 do Palácio de Saint Cloud, tendo sido entregue por Marie-Olivier Desfarges, em 1786, e destinando-se aos aposentos do rei naquela sua residência de Verão.

Desfarges, descendente de uma família de fabricantes de seda de Lyon, ascendeu à “maîtrise” em 1774, embora não

fosse filho de “mestre”, como era habitual na época entre as várias corporações de artífices.

Juntamente com outro fragmento similar, este painel de seda espolinada estava montado num guarda-fogo (com armação em madeira moderna), quando foi adquirido por Calouste Gulbenkian, em 1912, em Paris. Pertenceu à famosa Coleção Besselièvre. As coleções do Museu do Louvre integram um biombo coberto com um tecido idêntico. ■ **Maria Fernanda Passos Leite**

Fragmento de Seda

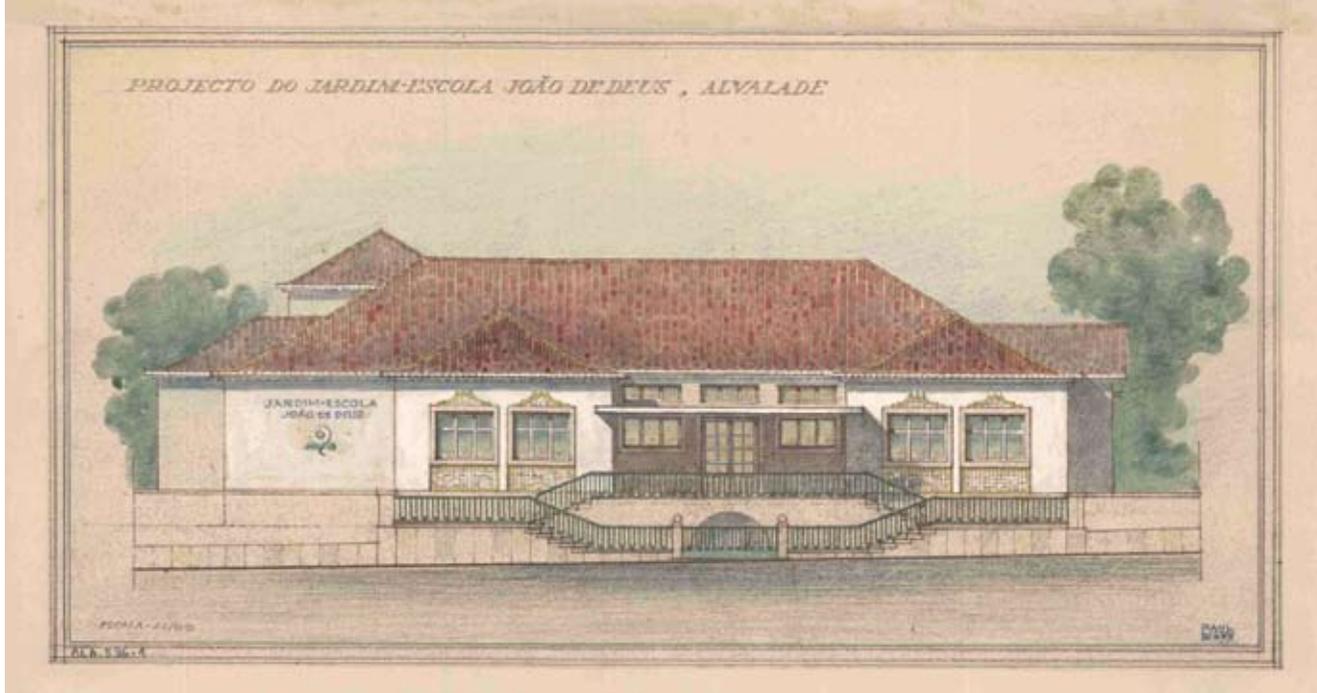
Gros de Tours espolinado a sedas policromas

M. O. Desfarges, 1786

França, Lyon – séc. XVIII

A. 0,84 x L. 0, 71 m

N.º Inv. 1448 A



ESPÓLIO RAUL LINO

A passagem de Oitocentos para o século XX foi, também em Portugal, fértil em discussões em torno da produção artística. Nelas intervieram alguns nomes da sociedade portuguesa da época, como Ramalho Ortigão, José de Figueiredo e Fialho de Almeida. Em 1897, quando Raul Lino regressou da Alemanha, um dos tópicos mais debatidos era “a casa portuguesa”, sem que houvesse um consenso sobre qual o estilo a adoptar. No projecto que apresentou ao concurso para o pavilhão de Portugal na Exposição Universal de 1900, em Paris (ganho pelo arquitecto Miguel Ventura Terra), Raul Lino formalizou algumas das questões estilísticas que se encontravam em aberto e deu um contributo decisivo para a elaboração de um programa futuro, mais tarde passado à escrita em *A Nossa Casa: apontamentos sobre o bom gosto na construção de casas simples* (1918) e *Casas Portuguesas: alguns apontamentos sobre a arquitectura de casas simples* (1933).

Nascido em 1879, em Lisboa, Raul Lino saiu cedo do país por vontade de seu pai. Partiu primeiro para Inglaterra, em 1890, onde realizou a sua primeira formação num colégio dos arredores de Windsor. Já adolescente, foi para a Alemanha aprender outra língua e estudar Arquitectura. Durante os anos que permaneceu em Hanôver, Raul Lino conheceu o historiador e arquitecto Albrecht Haupt (1852-1932), em cujo ateliê trabalhou até regressar a Portugal. Esta convivência revelou-se marcante no seu pensamento e na definição de alguns dos princípios que nortearam a sua produção arquitectónica. Com Haupt, grande estudioso da arquitectura renascentista portuguesa, absorveu um espírito historicista e nacionalista de cariz clássico e, simultaneamente, descobriu um Portugal que desconhecia. Outra grande influência, revelada pelo próprio, foi o escritor A. D. Thoreau, cujo livro *Walden or Life in the Woods* o acompanhou ao longo da vida. Esta obra exalta os valores da vida meditativa, em harmonia e comunhão com

a natureza. A outra influência relevante, que foi igualmente uma paixão, foi a música. Importantes foram também as viagens que realizou: primeiro, pelo país, sobretudo pelo Alentejo, na companhia do seu amigo Roque Gameiro; depois, em 1902, por Marrocos. Mais tarde, Raul Lino passaria também, entre outros países, pelo Brasil, Moçambique e Itália. Do conjunto da sua produção arquitectónica, o período mais fecundo foi entre 1900 e 1920, quando projectou algumas das suas obras mais emblemáticas, como as designadas “casas marroquinas”, realizadas entre 1901 e 1903 – a casa Montsalvat, para o pianista Alexandre Rey Colaço, a casa de Jorge O'Neill, a casa Silva Gomes e a vila Tânger –, a casa dos Patudos (Alpiarça, 1904), a quinta da Comenda (Outão, 1909), a casa do Cipreste, que projectou para sua habitação, em Sintra (1913), e a loja Gardénia, no Chiado (1917).

Em 1970, quatro anos antes da sua morte, a Fundação Calouste Gulbenkian dedicou à obra de Raul Lino uma exposição retrospectiva. Em 1989, a sua família doou à Fundação uma parte importante do espólio do arquitecto – constituído por desenhos de arquitectura, memórias descritivas e fotografias –, que, actualmente, se encontra disponível para consulta na Biblioteca de Arte. ■ **Ana Barata**

TÍTULO/ RESP **Espólio Raul Lino [Projectos de arquitectura]**
PRODUÇÃO 1902-1974

DESCR. FÍSIC 667 projectos de arquitectura

NOTAS O espólio contém cerca de 9000 desenhos de arquitectura, para além de manuscritos (na sua maioria memórias descritivas) e cerca de 220 fotografias.

PROVENIÊNCIA Foi doado pela família à Fundação Calouste Gulbenkian em 1989.

COTA(S) RL 1-667



PEDRO GOMES MONTANHA #18

Assim se constrói o fascínio do deserto e da solidão. Veja-se como a noite e a terra se identificam na cor e na espessura e se entranham em toda a superfície, subjazendo à neve, dando-lhe um solo e um céu cúmplices. O branco é uma superfície macia e emite brilho. A tinta sobre a ferrugem do metal torna-se território limpo sobre um fundo degradado. A montanha é mancha monocromática branca sobre fundo tornado castanho, que seria a cor natural da montanha.

A lógica do negativo/positivo da fotografia é utilizada no estabelecimento deste contraste material. Esta é uma pintura da ideia de negativo fotográfico. O despovoamento é condição da grandiosidade do lugar. Inspira quietude, mas também inquietação.

Numa primeira bipartição, surge a parte esquerda maior e mais elevada e uma parte direita, menor. Num segundo momento, pode subdividir-se a mancha maior da esquerda

em três zonas e dois sulcos identificáveis. Os vales têm a sua sombra. As árvores adivinham-se em certas pequenas manchas.

Uma diagonal acidentada divide as metades de céu e de terra.

De onde pode vir a luz?

Há equilíbrio no peso destas matérias; equilíbrio na ficção das suas espessuras. ■ **Leonor Nazaré**

Pedro Gomes

Montanha #18, 2002

Técnica mista sobre ferro

140x140x4cm

No. Inv. 02P1257

FEVEREIRO

agenda

EXPOSIÇÕES

Horário de abertura das exposições, 10h às 18h
[encerra às segundas-feiras]

O GOSTO À GREGA NAS ARTES DECORATIVAS FRANCESAS 1750-1775

DE 14 DE FEVEREIRO ATÉ 4 DE MAIO
Galeria de Exposições Temporárias
Organização: Museu do Louvre,
Departamento das Artes Decorativas

AINDA PODE VER...

PATRICK FAIGENBAUM ATÉ 24 FEVEREIRO 2008

CAMJAP, Galeria de Exposições Temporárias

IDA E VOLTA: FICÇÃO E REALIDADE ATÉ 1 JUNHO 2008

Comissariado: Christine Van Assche (curadora do Centre
Georges Pompidou) | Cenografia: Didier Faustino
CAMJAP, Piso 0

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO DO CAMJAP ATÉ DEZEMBRO 2008

CAMJAP, Piso 01 e 1

MÚSICA

ORQUESTRA GULBENKIAN CORO GULBENKIAN

1, SEXTA, 19H00 | Grande Auditório

Rolf Beck MAESTRO

Marina Prudenskaja MEIO-SOPRANO

Daniel Taylor CONTRATENOR

Stefan Vinke TENOR

Daniel Sumegi BARÍTONO

Alfred Schnittke, Felix Mendelssohn-Bartholdy

COMENTÁRIO PRÉ-CONCERTO: Carlos de Pontes Leça

1, SEXTA, 18H00 | AUDITÓRIO 3

CICLO DE MÚSICA ANTIGA

A SUITE ORQUESTRAL NA EUROPA MUSICAL DO BARROCO

LE CONCERT DES NATIONS

2, SÁBADO, 19H00 | Grande Auditório

Jordi Savall DIRECÇÃO

Jean-Baptiste Lully, Johann Sebastian Bach, Georg Friedrich
Händel e Jean-Philippe Rameau

CONCERTOS DE DOMINGO

3, DOMINGO, 12H00 | Átrio da Biblioteca do Museu

Nuno Vaz TROMPA

José Pereira VIOLINO

Joana Gama PIANO

Alexander Scriabin, Sergei Prokofiev, Siegmund Berg,

Johannes Brahms

ORQUESTRA GULBENKIAN

7, QUINTA, 21H00 | 8, SEXTA, 19H00

Grande Auditório

Lawrence Foster MAESTRO

Rudolf Buchbinder PIANO

Felix Mendelssohn-Bartholdy, Franz Schubert,

Johannes Brahms

CICLO DE MÚSICA ANTIGA

ORQUESTRA DE CÂMARA DE BASILEIA

200 ANOS MARIA MALIBRAN

A REVOLUÇÃO ROMÂNTICA

9, SÁBADO, 19H00 | Grande Auditório

Cecília Bartoli MEIO-SOPRANO

Manuel del Pópulo Vicente Garcia, Giuseppe Persiani,

Felix Mendelssohn-Bartholdy, Gioacchino Rossini,

Michael William Balfe, Johann Nepomuk Hummel, Charles-

Auguste de Bériot, Vincenzo Bellini

CICLO DE PIANO

ORQUESTRA DE CÂMARA DA EUROPA

11 e 13, SEGUNDA E QUARTA, 19H00

Grande Auditório

Angela Hewitt PIANO

Johann Sebastian Bach, Um Cravo bem Temperado

PRÉ-CONCERTOS

14, QUINTA, 19H00 | 15, SEXTA, 17H00

Grande Auditório

Projectão do filme *The Fall of the House of Usher*,

de Jean Epstein e Luis Buñuel

Apresentação de Carlos de Pontes Leça

ORQUESTRA GULBENKIAN

14, QUINTA, 21H00 | 15, SEXTA, 19H00

Grande Auditório

Lawrence Foster MAESTRO

David Lefèvre VIOLINO

Arianna Zukerman SOPRANO

Scott Hendricks BARÍTONO

John Graham-Hall TENOR

Philippe Fourcade BAIXO-BARÍTONO

Mark Neikrug, Igor Stravinsky, Claude Debussy

CICLO GRANDES ORQUESTRAS MUNDIAIS

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE SÃO

PETERSBURGO

16, SÁBADO, 21H00 | Coliseu dos Recreios

Yuri Temirkanov MAESTRO

Elisso Virsaladze PIANO

Piotr Ilitch Tchaikovsky

SOLISTAS DA ORQUESTRA GULBENKIAN

18, SEGUNDA, 19H00 | Auditório 2

António Rosado PIANO

David Lefèvre VIOLINO

Maria José Falcão VIOLONCELO

Frederico de Freitas, Claude Debussy, Ernest Chausson

CICLO DE PIANO

19, TERÇA, 19H00 | Grande Auditório

Simon Trpceski PIANO

Fryderyk Chopin, Claude Debussy, Sergei Prokofiev

ORQUESTRA GULBENKIAN

21, QUINTA, 21H00 | 22, SEXTA, 19H00

Grande Auditório

Lawrence Foster MAESTRO

Frank Peter Zimmermann VIOLINO

Johann Sebastian Bach, Ferruccio Busoni, Joly Braga Santos

23, SÁBADO, 16H00 | Grande Auditório

CICLO BOSTRIDGE

Ian Bostridge TENOR

Julius Drake PIANO

QUARTETO BELCEA

Corina Belcea VIOLINO

Laura Samuel VIOLINO

Krzysztof Chorzelski VIOLA

Antoine Lederlin VIOLONCELO

Joseph Haydn, Vaughan Williams, Maurice Ravel

23, SÁBADO, 20H00 | Grande Auditório

CICLO BOSTRIDGE

Ian Bostridge TENOR

Julius Drake PIANO

Stacey Watton CONTRABAJO

QUARTETO BELCEA

Corina Belcea VIOLINO

Laura Samuel VIOLINO

Krzysztof Chorzelski VIOLA

Antoine Lederlin VIOLONCELO

Gabriel Fauré, Ludwig van Beethoven

CICLO BOSTRIDGE

24, DOMINGO, 19H00 | Grande Auditório

Ian Bostridge TENOR

Julius Drake PIANO

Robert Schumann, Johannes Brahms

CICLO DE CANTO

26, TERÇA, 19H00 | Grande Auditório

Christiane Oelze SOPRANO

Anke Vondung MEIO-SOPRANO

Christoph Genz TENOR

Stephan Genz BAIXO

Eric Schneider PIANO

Daniel Lorenzo PIANO

Johannes Brahms, Robert Schumann

DESCOBRIR A MÚSICA NA GULBENKIAN

CONCERTOS COMENTADOS PARA JOVENS

29, SEXTA, 11H00 [JOVENS] E 19H00 [FAMÍLIAS]

Grande Auditório

EVENTOS

CICLO DE CONFERÊNCIAS

**PROGRAMA GULBENKIAN AMBIENTE
ENFRENTANDO A CRISE GLOBAL DO AMBIENTE
PREPARANDO A SOCIEDADE E O AMBIENTE
PARA A SOBREVIVÊNCIA GLOBAL**
19, TERÇA, 18H00 | Sala 1

Professor Timothy O'Riordan, Universidade de East Anglia
Entrada livre

CICLO DE CONFERÊNCIAS 07'08

**NA FRONTEIRA DA CIÊNCIA
VACAS LOUCAS, LEVEDURAS NEURÓTICAS
E REGRESSO AO FUTURO**
20, QUARTA, 18H00 | Auditório 2

Tiago Fleming de Oliveira Outeiro, Instituto de Medicina
Molecular, Universidade de Lisboa
Entrada livre

VISITAS TEMÁTICAS

Não é necessária marcação prévia, excepto onde assinalado.

MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

DOS OÁSIS NO DESERTO AOS OÁSIS NOS TAPETES

12, TERÇA, 15H00

Duração: cerca de 1h30 | Nº de participantes: mínimo 5,
máximo 15 | Sujeito a marcação prévia até 15 dias antes
da data prevista | Contacto: 217823456
e-mail: isilva@gulbenkian.pt | €4

CENTRO DE ARTE MODERNA JOSÉ DE AZEREDO PERDIGÃO

REENCONTROS COM A COLEÇÃO: O TEMPO NA ARTE

2, SÁBADO, 15H00

por Carlos Carrilho

EXPOSIÇÃO IDA E VOLTA: FICÇÃO E REALIDADE SUBSTITUIÇÃO OU SIMULACRO?

3, DOMINGO, 12H00

por Susana Anágua

REENCONTROS COM A COLEÇÃO: LISBOA, UM CENÁRIO INQUIETO

9, SÁBADO, 15H00

por Carolina Silva

REENCONTROS COM A COLEÇÃO: O MODERNISMO VISTO PELOS OUTROS

10, DOMINGO, 12H00

por Hilda Frias

EXPOSIÇÃO IDA E VOLTA: FICÇÃO E REALIDADE PERSPECTIVAS DE UM MOMENTO FELIZ: O TEMPO E A NARRATIVA NUMA OBRA DE ARTE

16, SÁBADO, 15H00

por Dora Batalim

EXPOSIÇÃO IDA E VOLTA: FICÇÃO E REALIDADE VIDEOVIGILÂNCIA E O PROCESSO CRIATIVO

17, DOMINGO, 12H00

por Sílvia Moreira

EXPOSIÇÃO PATRICK FAIGENBAUM

REGISTO FOTOGRÁFICO
23, SÁBADO, 15H00

Visita geral, por Sílvia Almeida

EXPOSIÇÃO IDA E VOLTA: FICÇÃO E REALIDADE ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE

24, DOMINGO, 12H00

Visita geral, por Ana João Romana

ENCONTROS IMEDIATOS CONVERSAS À HORA DE ALMOÇO ENCONTRO COM O SIMULACRO

1, SEXTA, 13H00 ÀS 13H15

15 minutos em torno de

"Cross Sharing" de Alexandre Estrela, por Susana Anágua

ENCONTRO COM UM INSTANTE MULTIPLICADO

15, SEXTA, 13H00 ÀS 13H15

15 minutos em torno de "Sections of a happy moment"

de David Claerbout, por Dora Batalim

CURSOS

MINI-CURSO DE SENSIBILIZAÇÃO ÀS COLEÇÕES DO MUSEU

**PARA GUIAS, TRADUTORES, INTÉRPRETES
E ALUNOS DE CURSOS SUPERIORES DE TURISMO**
Museu Calouste Gulbenkian

Marcação prévia até 15 dias antes da data prevista

Nº de participantes: mínimo 5 | máximo 15

Contacto: Isabel Oliveira e Silva

e-mail isilva@gulbenkian.pt | telefone: 217823456

Entrada Livre

ARTE ORIENTAL [1ª e 2ª PARTES]

13 e 15, QUARTA e SEXTA, 10H30 ÀS 12H00

ARTE EUROPEIA [1ª e 2ª PARTES]

20 e 22, QUARTA e SEXTA, 10H30 ÀS 12H00

A PERCEÇÃO VISUAL APLICADA ÀS OBRAS DE ARTE COLEÇÃO CAMJAP

9 e 10, SÁBADO e DOMINGO,

DAS 10H00 ÀS 13H00 e DAS 14H30 ÀS 17H30

Sala 3

Nº máximo de participantes: 40 pessoas

Orientadora: Ana Gonçalves

€50 | Requer marcação prévia

DESCOBRIR A MÚSICA NA GULBENKIAN DO TEMPO E DO ESPAÇO - CRUZAMENTOS ENTRE A MÚSICA E AS ARTES VISUAIS

16 e 23, SÁBADO,

DAS 10H00 ÀS 12H00 e DAS 15H00 ÀS 17H00

Sala 2

4 sessões | Duração: 8 horas

Orientadores: Ana Gonçalves e Etienne Lamaison

€45 | Requer marcação prévia

MÃOS À OBRA! ESPAÇOS E PRÁTICAS CRIATIVAS DA EXPRESSION PLÁSTICA NA INFÂNCIA COLEÇÃO CAMJAP

23 e 24, SÁBADO e DOMINGO,

DAS 10H00 ÀS 13H00 e DAS 14H30 ÀS 17H30

CAMJAP

Nº máximo de participantes: 40 pessoas

Orientadora: Sara Barriga

€50 | Requer marcação prévia

VIVER OS JARDINS GULBENKIAN

EXPERIÊNCIAS NO PARAÍSO

Malas de actividades, com jogos, histórias e materiais para
experimentar o jardim, seguindo diferentes mapas/
percursos (sem orientador). As malas são utilizadas pelas
famílias e são requisitadas na livraria da Sede da Fundação.
pgjardim@gulbenkian.pt | €5/mala (máx. de 3 horas)
Informações: 217 823 514, das 14h30 às 17h30

PARA OS MAIS NOVOS

PROGRAMAS EDUCATIVOS

NO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN:

Marcação prévia tel. 21 782 32 32 | fax 21 782 30 32

educativo.museu@gulbenkian.pt

www.museu.gulbenkian.pt

VISITAS ESCOLARES ÀS EXPOSIÇÕES NO CAMJAP

Marcação prévia, de segunda a sexta, 15h às 17h;

tel. 21 782 36 20; fax 21 782 30 61

cam-visitas@gulbenkian.pt

OFICINAS E VISITAS NO CAMJAP

Marcação prévia, de segunda a sexta, 10h às 13h00

tel. 21 782 34 77; fax 21 782 30 61

cam-visitas@gulbenkian.pt

MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

PELOS CAMINHOS DO MUSEU

AS OBRAS DE ARTE CONTAM HISTÓRIAS

DOS 4 AOS 5 ANOS

DOS 6 AOS 9 ANOS

DOS 10 AOS 12 ANOS

2, SÁBADO, DAS 14H30 ÀS 16H30

€7,5 por criança

PELOS CAMINHOS DO MUSEU

DAQUI PARA ALI: AS VIAGENS DA SEDA

DOS 4 AOS 5 ANOS

DOS 6 AOS 9 ANOS

DOS 10 AOS 12 ANOS

3, DOMINGO, DAS 10H30 ÀS 12H30

€7,5 por criança

MUSEU EM FAMÍLIA

OS DESERTOS E OS OÁSIS

DOS 4 AOS 5 ANOS

DOS 6 AOS 9 ANOS

DOS 10 AOS 12 ANOS

16, SÁBADO, DAS 14H30 ÀS 16H30

€10 uma criança e um adulto

€4 cada criança adicional por família

MUSEU EM FAMÍLIA

DAQUI PARA ALI:

ORIENTE E OCIDENTE TROCAM

COISAS, IDEIAS E AFECTOS

DOS 4 AOS 5 ANOS

DOS 6 AOS 9 ANOS

DOS 10 AOS 12 ANOS

17, DOMINGO, DAS 10H30 ÀS 12H30

€10 uma criança e um adulto

€4 cada criança adicional por família

PELOS CAMINHOS DO MUSEU

DAQUI PARA ALI:

AS VIAGENS DO MARFIM

DOS 4 AOS 5 ANOS

DOS 6 AOS 9 ANOS

DOS 10 AOS 12 ANOS

23, SÁBADO, DAS 14H30 ÀS 16H30

€7,5 por criança

PELOS CAMINHOS DO MUSEU

AS OBRAS DE ARTE SÃO LIVROS.

O SEGREDO É SABER LER

DOS 4 AOS 5 ANOS

DOS 6 AOS 9 ANOS

DOS 10 AOS 12 ANOS

24, DOMINGO, DAS 10H30 ÀS 12H30

€10 uma criança e um adulto

€4 cada criança adicional por família

CENTRO DE ARTE MODERNA JOSÉ DE AZEREDO PERDIGÃO

**JOVENS PERCURSOS PELA ARTE
INTRODUÇÃO À ARTE CONTEMPORÂNEA:
OOPS, ISTO É UMA OBRA!**
Dos 10 aos 14 anos
2, SÁBADO, DAS 15H30 ÀS 16H30
Visita | Orientação: Ana João Romana | €4

IDEIAS IRREQUIETAS A COLEÇÃO

Dos 2 aos 4 anos + ADULTO
3, DOMINGO, DAS 11H00 ÀS 12H00
Dos 5 aos 7 anos
3, DOMINGO, DAS 15H00 ÀS 16H30
Oficina de Contos
Orientação: Dora Batalim e Margarida Botelho | €4,5

ALEGRES CRIATURAS EM ESTRANHAS POSTURAS!

Dos 4 aos 6 anos
4 A 6, SEGUNDA A QUARTA, DAS 10H00 ÀS 13H00
Dos 7 aos 11 anos
4 A 6, SEGUNDA A QUARTA, DAS 14H30 ÀS 17H30
Oficina de Carnaval
Orientação: Carlos Carrilho e Nuno Palha | €21 [3 sessões]

QUANTO TEMPO DURA UM INSTANTE?

Dos 6 aos 10 anos
9, SÁBADO, DAS 15H30 ÀS 17H30
Dos 4 aos 6 anos + ADULTO
10, DOMINGO, DAS 10H30 ÀS 12H30
Oficina Criativa
Orientação: Carlos Carrilho e Dora Batalim | €5

LABORATÓRIO DE ARTES R3 - RETRATO AO CUBO!

Dos 6 aos 10 anos + ADULTO
10, DOMINGO, DAS 15H00 ÀS 18H00
Dos 10 aos 15 anos
24, DOMINGO, DAS 15H00 ÀS 18H00
Oficina Experimental
Orientação: Mário Rainha Campos e Susana Anágua
€5

JOVENS PERCURSOS PELA ARTE INTRODUÇÃO À ARTE CONTEMPORÂNEA: DESARRUMAR AS IDEIAS!

Dos 6 aos 10 anos
16, SÁBADO, DAS 15H30 ÀS 16H30
Visita | Orientação: Lígia Afonso | €4

IDEIAS IRREQUIETAS PEDRA, PAU E PALHA

Dos 2 aos 4 anos + ADULTO
17, DOMINGO, DAS 11H00 ÀS 12H00
Dos 5 aos 7 anos
17, DOMINGO, DAS 15H00 ÀS 16H30
Oficina de Contos
Orientação: Dora Batalim e Margarida Botelho | €4,5

CAIXAS MÁGICAS ENTRE A FICÇÃO E REALIDADE

Dos 6 aos 10 anos
23, SÁBADO, DAS 15H30 ÀS 17H30
Dos 4 aos 6 anos
24, DOMINGO, DAS 10H30 ÀS 12H30
Oficina Criativa
Orientação: Sílvia Moreira e Susana Anágua | €5

DESCOBRIR A MÚSICA NA GULBENKIAN

VISITAS

VIAGEM AO MUNDO DO SOM DOS SONS DA NATUREZA À ORQUESTRA SINFÓNICA

Dos 3 aos 5 anos
Dos 6 aos 9 anos
Dos 10 aos 12 anos
6, 13, 20 e 27, QUARTA, 10H00 e 11H00
Concepção e Orientação: Lydia Robertson e Francisco Cardoso
Duração: 1h30 | Ponto de encontro: Recepção da sede | €4

VIAGEM AO MUNDO DO SOM ROMÂNTICO A MÚSICA À PROCURA DOS SENTIMENTOS E DAS EMOÇÕES

Dos 6 aos 9 anos
Dos 10 aos 12 anos
7, 14 e 28, QUINTA, 10H00 ÀS 11H00
Concepção e Orientação: Lydia Robertson e Carlos Garcia
Duração: 1h30 | Ponto de encontro: Recepção da sede | €4

COMO SE FAZ UM CONCERTO? UMA VIAGEM PELOS BASTIDORES DE UM CONCERTO

Dos 6 aos 9 anos
Dos 10 aos 12 anos
8, 15 e 22, SEXTA, 10H00
Concepção e Orientação: Verena Wachter Barroso
Duração: 1h30 | Ponto de encontro: Recepção da sede | €4

CONTOS MUSICAIS CONTOS COM MÚSICA DOS QUATRO CANTOS DO MUNDO PARA TODA A FAMÍLIA

9, SÁBADO, 11H00 e 15H00
Concepção e Orientação: Lua Cheia Teatro
Duração: 1h | Ponto de encontro: Recepção da sede | €4

VIAGEM ESPECIAL AO MUNDO DO SOM PARA CRIANÇAS E JOVENS COM NECESSIDADES ESPECIAIS

11, SEGUNDA, 10H00
Concepção e Orientação: Lydia Robertson
Duração: 1h30 | Ponto de encontro: Recepção da sede | €4

ENCONTROS ORQUESTRADOS ENCONTROS COM A ORQUESTRA GULBENKIAN E OS SEUS MAESTROS

Dos 10 aos 12 anos
Dos 13 aos 17 anos
19, TERÇA, 10H00
Concepção e Orientação: Francisco Cardoso
Duração: 1h30 | Ponto de encontro: Recepção da sede | €4

VIAGEM AO MUNDO DO JAZZ HISTÓRIAS, IMPROVISACIONES E CRUZAMENTOS NO JAZZ

Dos 6 a 9 anos
Dos 10 a 12 anos
Dos 13 a 17 anos
22, SEXTA, 10H00
Concepção e Orientação: José Menezes
Duração: 1h30 | Ponto de encontro: Recepção da sede | €4

OFICINAS

VEM RECRIAR O TEU PEDRO E O LOBO OFICINA DE IMPROVISACIONES MUSICAL E CÊNICA

Dos 3 aos 5 anos
Dos 6 aos 9 anos
Dos 10 aos 12 anos
11 A 23, 14H00 [SEMANA] e 10H00 [SÁBADOS]
A partir da obra *Pedro e o Lobo* de Prokofiev,
Concertos Comentos Orquestra Gulbenkian,
29 Fevereiro, 11h00 e 19h00, e 1 Março, 16h00
Concepção e Orientação: Madalena Wallenstein
Duração: 2h | Ponto de encontro: Recepção da sede | €4

UMA CASA COM UNHAS OFICINA DE ARTES PLÁSTICAS

Dos 3 aos 5 anos
Dos 6 aos 9 anos
11 A 23, 10H00
A partir das obras *Baba Yaga*, op.56, *Kikimora*, op.63
e *O Lago Encantado*, op.62 de Anatol Liadov,
Concertos Comentos Orquestra Gulbenkian,
29 Fevereiro, 11h00 e 19h00, e 1 Março, 16h00
Concepção e Orientação: Susana Neves
Duração: 2h | Ponto de encontro: Recepção da sede | €4

STRAVINSKY, O VISIONÁRIO OFICINA DE EXPLORAÇÃO E IMPROVISACIONES MUSICAL

Dos 6 aos 9 anos
Dos 10 aos 12 anos
Dos 13 a 17 anos
ALUNOS DE MÚSICA
25 A 29, SEGUNDA A SEXTA, 10H00
Consultar a Temporada Gulbenkian de Música:
Concertos Stravinsky
Concepção e Orientação: Étienne Lamaison
Duração: 2h | Ponto de encontro: Recepção da sede | €4

CURSO LIVRE

**DO TEMPO E DO ESPAÇO
CRUZAMENTOS ENTRE A MÚSICA
E AS ARTES VISUAIS**
16 A 23, SÁBADO,
DAS 10H00 ÀS 12H00 E DAS 15H00 ÀS 17H00
Sala 1
[Ver mais informações em Cursos]

CONCERTO

**ORQUESTRA GULBENKIAN
CONCERTO COMENTADO**
A PARTIR DOS 3 ANOS
29, SEXTA, 11H00 [JOVENS] e 19H00 [FAMÍLIAS]
Grande Auditório
Oswaldo Ferreira MAESTRO
Fernando Luis NARRADOR
Marina Palácio DESENHO AO VIVO
Catarina Molder COMENTADORA
Duração: 1h30 | €5
Sergei Prokofiev, *Pedro e o Lobo*, op.67
Anatoli Liadov, *O Lago Encantado*, op.62, *Kikimora*, op.63,
Baba-Yaga, op.56

**CONJECTURA DE POINCARÉ:
GEOMETRIA PARA ENTENDER
O UNIVERSO**

Marcelo Viana 12.12.07

IMPA - Instituto Nacional de Matemática
Pura e Aplicada, Rio de Janeiro

**PODEMOS PREVER
UM TSUNAMI?**

Ana Viana-Baptista 30.01.08

IST - Instituto Superior de Engenharia de Lisboa

**VACAS LOUCAS, LEVEDURAS
NEURÓTICAS, E REGRESSO
AO FUTURO**

Tiago Fleming de Oliveira Outeiro

20.02.08

Instituto de Medicina Molecular
Universidade de Lisboa

**ICEBERGS, NEVE E MUITOS
PINGUINS.
AS RAZÕES DO ANO POLAR
INTERNACIONAL**

José Xavier 26.03.08

Centro de Oceanografia, Universidade de Algarve

**O "NASCIMENTO" DA CÉLULA -
- UMA VISITA GUIADA ATRAVÉS
DO MICROSCÓPIO**

Hélder Maiato 16.04.08

Instituto de Biologia Molecular e Celular
Universidade do Porto

**O PAPEL REVOLUCIONÁRIO
DA NANOTECNOLOGIA
E DAS CÉLULAS ESTAMINAIS
NA MEDICINA REGENERATIVA**

Manuela Gomes 14.05.08

IBB - Instituto de Biologia e Biogerontologia
Universidade do Minho

**AQUECIMENTO GLOBAL:
A CAMINHO DA
AUTODESTRUIÇÃO OU DA
ENGENHARIA CLIMÁTICA
PLANETÁRIA?**

Ricardo Aguiar 18.06.08

INCT - Instituto Nacional de Engenharia,
Tecnologia e Inovação

**NA FRONTEIRA DO UNIVERSO:
EM BUSCA DO FIM DA IDADE
DAS TREVAS**

José Manuel Afonso 16.07.08

Observatório Astronómico de Lisboa

NA FRONTEIRA DA CIÊNCIA

Conferências 07'08

AUDITÓRIO 2/18H00

Trazer consigo um circuito vídeo e espaços adjacentes

Fundação Calouste Gulbenkian
Av. de Berna, 45-A - 1067-001 LISBOA

Informações / Estabelecimentos de ensino interessados em participar:

T: 21 782 35 25 E: ferreira@calouste.gulbenkian.pt
F: 21 782 30 10 W: www.gulbenkian.pt/frontera-radiocloria



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN



AGÊNCIA NACIONAL
PARA A CULTURA
CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA